Cinearte

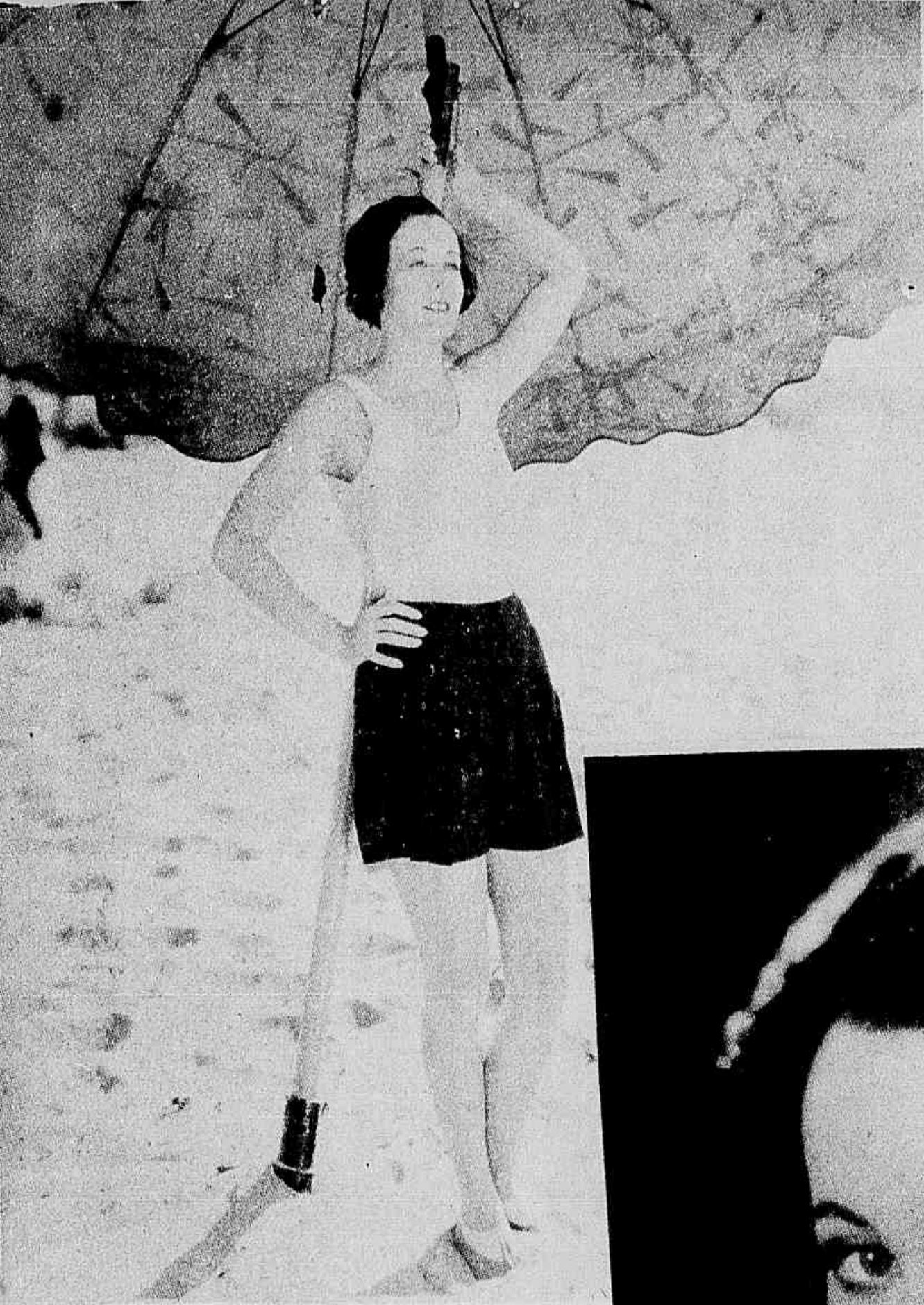
ANNO VI N. 269

[illegible]

Preço para todo o Brasil 1$000

ANITA PA

LITA CHEVRET

Cinearte

AGORA CASOU-SE COM CHARLES FARRELL

Virginia...

"HEROINA DE SANGUE AZUL"... JA' SE DISSE ISSO AQUI MAS NÃO HA OUTRA EXPRESSÃO...

CINEARTE

UM dos sports preferidos por alguns dos membros da Associação da classe cinematographica é falar mal desta revista e propor medidas e providencias que a levem á ruina e á morte.

E' esse um divertimento innocente de mentalidades mais innocentes ainda.

Elles não podem perdoar a nossa independencia, inaccessivel a pedidos, solicitações, supplicas empenhos, pistolões; resistente a successivas tentativas de suborno, não bitolando a critica pelas dimensões e pelo valor da materia paga, distribuindo imparcialmente o louvor e a censura na medida do merecimento dos programmas.

Não podem comprehender que se faça uma publicação cinematographica como esta, fôra inteiramente da influencia do meio dos *maioraes*.

Ora nós conhecemos perfeitamente o meio cinematographico e varias vezes o temos descripto tal qual: tirante algumas figuras como J. Day, Baez, que timbram em manter perfeita correcção, e mais alguns outros que se mantém em discreta penumbra que vale esse meio? Gente inculta, sem escrupulos de especie alguma, que só vive a entretecer intriguinhas soezes, buscando, apesar da solidariedade associativa, passar o plano, lesar, lograr, prejudicar os companheiros, para isso não escolhendo processos, tal é a vida que a maioria leva.

Já temos destas columnas ajustado contas com alguns delles, e se um dos maioraes teve desta rvista, ha tempos, um habeas-corpus, deve-o a pedidos instantes que nos foram feitos por companheiros seus, em uma associação de caracter internacional que muito prezamos e em cujo quadro pasmamos de o ver figurar.

Mas isso são contos antigos. O diabo é que, quando liquidado um caso, arredado de nosso caminho uma figura, outra

"que os ares escurece,
Sobre as nossas cabeças apparece."

Cá temos hoje sobre a mesa Mr. Blumt, representante no Brasil da First National.

Esse cidadão tornou-se nosso desaffecto, desde que elogiámos a escolha do digno cavalheiro que é Biekark para dirigir no Brasil a First National, sem fazer allusões á sua pessoinha, tambem na mesma occasião escolhida para zelador do escriptorio, arrumador dos films em latas ou officio congenere.

Cremos que foi esse ultimo, entretanto.

Mr. Blumt tem a especialidade dos films em conserva.

A sua occupação outr'ora era percorrer todos os frigorificos e museus de New York para adquirir archaismos pelliculares que elle despachava para o Brasil como artigos de 1.ª categoria, impingindo-os aos seus committentes como capazes de desbancar todos as marcas existentes e por existir.

Pois o resultado de nossa imprudencia, não citando o nome tão euphonico desse cavalheiro, foi provocar uma crise na agencia em via de formação, della se retirando logo Biekark enojado de tanta intrigalhada.

Pois Blumt um desses dias accordou inspirado. Pensou, parafusou, assoou-se tres vezes com ruido e depois tomou a *energetica* resolução de fusilar "Cinearte", passar esta pobre revista pelas armas com todas as honras militares. Dáhi marchar para a séde da Associação e, quando chegou o momento solemne, pediu a palavra ao presidente, proferindo o seguinte discurso, fielmente traduzido das notas tachygraphicas de um dos presentes que dellas nos fez a offerta com o proposito de ninguem perder o film falado do digno representante da First.

Mas o espaço é já pequeno; vamos guardar o discurso para o outro numero.

CLARA BOW E' AGORA HONORARIA DOS VETERANOS DA GUERRA QUE POR ELLA SE SYMPATHISARAM DEVIDO AO SEU DESEMPENHO EM "ASAS".

UMA SCENA DE "THE ROSE OF OLD ST AUGUSTINE" DA SELIG COM KATHRYN WILLIAMS.

AO ALTO, UM DOS PRIMEIROS FILMS DE MARY PICKFORD COM KING BAGGOTT.

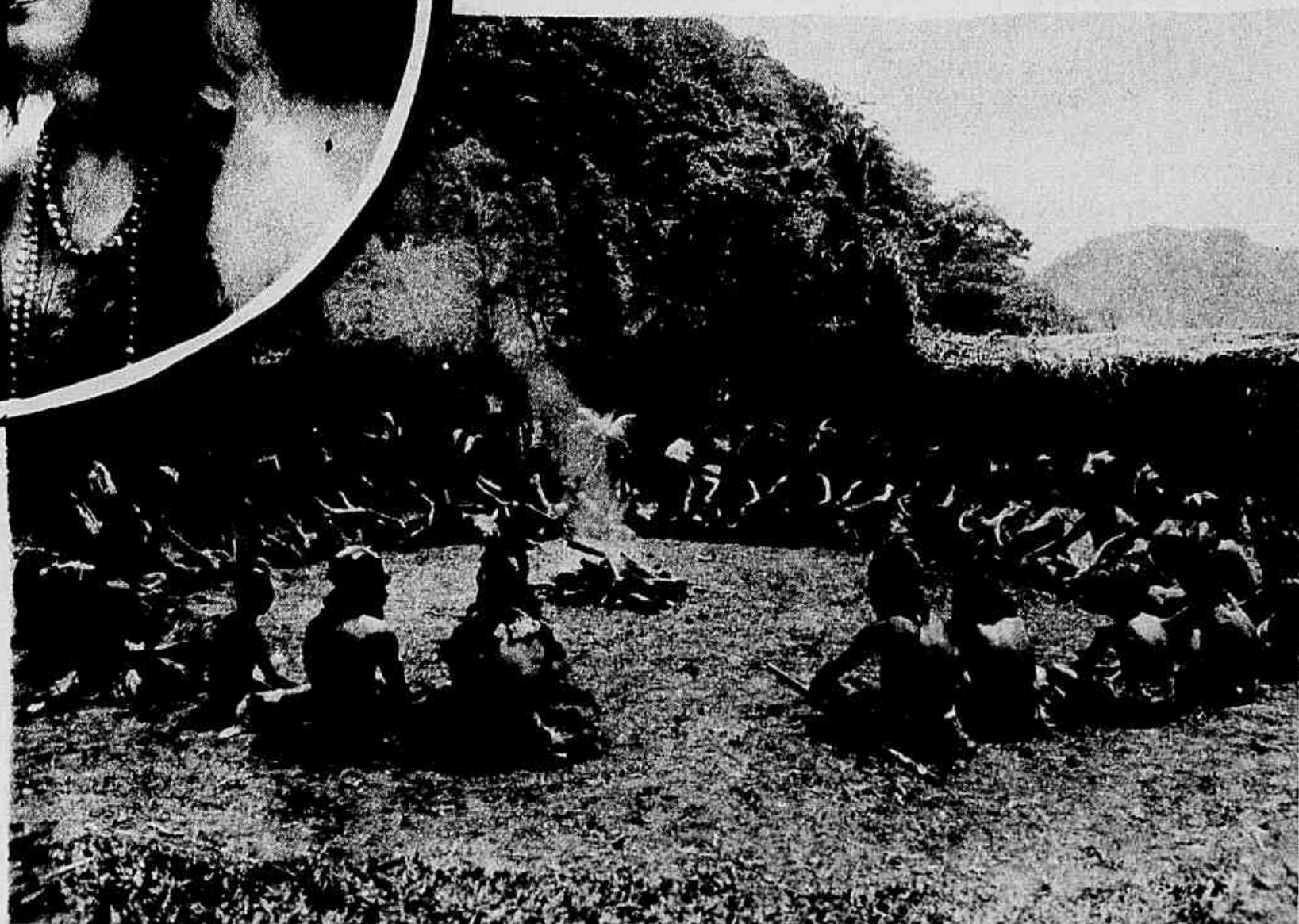
MARIE DRESSLER

Cinema do Brasil

IRENE RUDNER E DINO GREY SÃO OS PRINCIPAES

SCENAS DO FILM "ANCHIETA ENTRE O AMOR E A RELIGIÃO" DA LUZ ARTE FILM DE SÃO PAULO.

Photo Febus

MULHER

Sexta-feira 13. Um canto do mundo esquecido de Deus. Escuridão de breu. A propria lua, escondida, tinha medo de apparecer... Ventania... Rodopio nervoso da natureza a clamar, hysterica...

Doze pancadas soturnas num sino velho. Ventania... Ganir soturno da natureza revoltada...

Naquelle canto do mundo esquecido de Deus, reunem-se as bruxas para a dansa macabra.

ABRACADABRA
ABRACADABR
ABRACADAB
ABRACADA
ABRACAD
ABRACA
ABRAC
ABRA
ABR
AB
A

Palavras magicas. Palavras cabalisticas.

— Hel Heloym Sother Emmanuel Sabaoth Agla Tetragrammaton Agyros Otheos Ischyros Athanatos Jehova Va Adonai Saday Homousion Messias Eschereheye!!!...

Chamam pelo demo. Depois, quando elle vem, começa a algazarra de corpos que rodopiam, que movem-se com agilidade espantosa agitando aquella sarabanda medonha. Montadas em vassouras, começam a girar. Giram, giram, giram, giram... Gritam, urram, espumam, gemem, cahem, estertoram, mordem-se... Tombam, finalmente... E vae parando, depois de horas e horas de frenezi hysterico, a roda infernal. Cansam-se as bruxas. Cessa a orgia de nervos quando o primeiro gallo canta e annuncia a approximação apavorante do sol... E' o fim da sexta-feira 13.

Depois, vagarosas, exhaustas, mais identificadas ainda com o pacto que suas almas celebraram com Belzebuth, voltam para suas tocas cheias de exgottamento nervoso.

———o———

Duas dellas, juntas, dirigem-se pela mesma estrada. Ha uma que é linda. Mas de uma belleza exquisita: tem a pelle amarella, secca, esticada em cima dos ossos ponteagudos. A sua belleza, outróra patente, hoje, nada mais é do que um par de estupendos olhos negros.

A outra é feia. Sem ser horrenda, tem, em si, qualquer cousa de abominavel, de odioso que não se pode definir.

A' um canto de estrada mais deserto, param. A mais feia pergunta á mais bonita.

— Tudo prompto?...

— Tudo ! ! !

— Quando a entregarás ? . . .

— Quando, depois do sol que vem, tombar de novo, sobre o mundo, o manto rendado da noite...

— Tens convicção no teu plano ? . . .

— Absoluta.

— E se falhar ? . . .

— Não falhará ! ! !

— Garantes a vingança ? . . .

— Juro-a ! ! ! Ha tanto que a preparo...

— Crês que minhas benções tenham acção sobre ella ? . . .

— Tanto quanto as minhas...

— Era só ! Se formos bem succedidas, amiga...

Riem-se num estalar de ossos ennervante. Depois separam-se. Ha um abraço que mais se parece com um estreitar de polvos e um beijo sugado, labios nos labios, que é a transmissão de toda maldade...

———o———

A mais feia voltou para a toca. A mais bonita seguiu para a sua, mais distante. Quando chegou á ella, entrou. A luz pequenina que uma lamparina filtrava era feérica para os olhos de peccado daquella serva do mal. Encaminhou-se para um dos soturnos cantos. Tirou delle um pequenino vulto.

Pol-o sobre os joelhos. Depois, sempre dizendo palavras desconnexas, vestiu-o todo. Ao cabo de segundos, era uma linda creancinha que tinha entre os dedos, totalmente inerte, perfeitamente immovel. Prompta, guardou-a, novamente e esperou que se fosse o dia, que viesse a noite, novamente.

———o———

Quando, novamente, o mesmo sino velho da cidade proxima soou doze badaladas, já tudo estava prompto. Ahi ergueu-se a bruxa mais bonita. A' porta encontrou-se com a mais feia. Juntas, olharam para a criança. Sorrindo, levaram-na, em seguida, para a cidade...

———o———

Mais tarde, voltaram para as tocas. Na mesma encruzilhada da vespera, pararam. Entreolharam-se. Depois sorriram. Era o fim de um sonho ha muito premeditado...

— Elles nos pagarão ! ! !

— Sim, hão de pagar...

— Ella será boa, será meiga, será fascinante, entorpecente... Mas elles nos pagarão...

Era o rugido de vingança.

— Homens ! ! ! . . . Vós nos deveis muito...

Era o grito de um resto de alma...

Sim. Aquellas duas bruxas, haviam sido mulheres. Haviam sonhado. Haviam passado, toda a vida, na mesma illusão que é a corôa de felicidade de toda mulher moça. Appareceram, nas suas vidas, como na vida de todas as mulheres, dois moços que as fizeram sentir os corações, tremulos de emoção. Amaram. Confiaram. Perderam a confiança, sentiram-se desgraçadas. Tombaram, da avenida da felicidade, para a rua da amargura; da rua da amargura, para o becco do desespero. Depois, atacadas, roidas, enverminadas de mal, atiraram-se aos braços do demo. Fizeram-se bruxas...

Cheias do poder do mal, pensaram na vingança. Um dia, quando viram á porta de um lar feliz um anjinho que outro deixára para alegral-o, roubaram-no. Levaram-no até á toca da mais bonita. Lá, prepararam-no para a vingança que precisavam tirar. A desforra...

Depois, puzeram-no no mesmo logar. Não lhe tocaram na alma. Tocaram-lhe no physico. Não lhe enfeitiçaram o caracter. Envenenaram-lhe os olhos... As benções das bruxas, cheias de mal, foram para os olhos, para a bocca, para os cabellos, para o physico todo daquelle pequenino ser.

— Homens ! ! ! . . . Vós nos deveis muito...

E olharam-se as bruxas. A mais bonita olhou a mais feia. Em tempos, quando ainda sonhavam com a felicidade, haviam sido irmãs. Hoje, enfeitiçadas pelo demo, eram bruxas... Mas depois que haviam feito a entrega, depois que haviam feito a vingança, sentiam-se mais aliviadas. Atiraram-se, uma, nos braços da outra. Juntas foram fazer preces a Belzebuth...

———o———

O anjinho cresceu. Fez-se menina. Fez-se mulher...

A mulher cumpriu a sentença, vingou as duas infelizes feitiçeiras.

A mulher é Carmen Violeta...

Desculpem-nos a irreverencia da phantasia. E' tola, talvez. Absurda, com certeza. Mas é a unica explicação que nossa crença poetica pode achar para todos os predicados fascinantes da *estrella* de "*MULHER*..."

Nos seus olhos de velludo, orientaes, perigosos, mais soturnos do que uma sexta-feira 13, ha qualquer cousa de um filtro magico que perturba. Na sua bocca rasgada, toda sangue, toda alma, toda ardor, persiste a mesma magia... Nos seus cabellos asperos e macios, a um só tempo, de um castanho suave e lindo. No seu physico todo, em summa, ha alguma cousa que não é humana. Só pode ser bruxaria...

———o———

Na vida, Carmen Violeta tem cumprido aquillo que lhe ordenaram as fadas do mal. Tem seduzido, tem fascinado, tem innebriado... Tem posto desespero em corações atormentados, tem gasto as energias de almas irresponsaveis. Mas não tem culpa. Segue, a grandes passos, a estrada da sua existencia. Não olha para os lados, não olha para traz. Olha para a frente, apenas. Não tem culpa que os homens a queiram, que os olhares a devorem, que os corações se enfeitiçem. Não faz nada para isso. Caminha, vive, fala, ri, como se nada houvesse. Naturalmente. Não tem intenção de ferir: e mata. Não tem intenção de matar: e anniquilla...

E' sina, feitiço, bruxaria... Qualquer cousa maligna que a torna, para os olhos, um peccado vivo. De alma, de coração, ella é mais suave do que Lillian Gish, mais angelica do que Janet Gaynor, mais espiritual do que Mary Brian.

Quando alguem a olha, pela primeira vez, rapidamente, acha-a feia. Na segunda vez, sympathica. Na terceira, bonita. Dahi para diante só apparecem perfeições. Seu olhar é espontaneamente cahido. Tem malicia natural. E' como o maxixe: perverte espontaneamente, ingenuamente... Seus labios são iscas para beijos que andam farejando o espaço. A pintinha preta ao lado do seu rosto é uma gotta a mais de veneno no copo do "basta !", daquelle que já agoniza depois de um simples olhar...

Sua testa é o symbolo da sua intelligencia. Larga, immensa, grande e bonita como é a sua alma crivada de perfeições. Vendo, Carmen Violeta massacra olhares. Conversando, Carmen Violeta suavisa o espirito. E' tão culta quanto fascinante. Tão distincta quanto perigosa. Tão simples quanto apparentemente convencida. Tão digna quanto visualmente maliciosa.

Ella é estrella do film "*MULHER*...".

(Continúa no proximo numero).

Cinema do Brasil

O NOSSO CINEMA APPARECEU PARA FICAR. E' HOJE TODO O INTERESSE DOS NOSSOS LEITORES. "CINEARTE" VAE AMPLIAR ESTA SECÇÃO. AS SUAS PAGINAS CONTINUAM MAIS DO QUE NUNCA, ABERTAS AOS NOSSOS PRODUCTORES.

O NOVO LUIZ SORÔA. NA SUA CARACTERIZAÇÃO PARA O FILM "MULHER".

IRENE RUDNER

LEMBRAMSE DE "MARINA" E "LEONCIO"?

RUTH GENTIL E CELSO MONTENEGRO EM "MULHER" DA CINÉDIA.

DIRECÇÃO
DE
MARIO
PEIXOTO
FILMANDO
"Limite"
APRESEN-
TAÇÃO
DA
"CINÉ-
DIA"

Kay Johnson e Mathew Betts em "The Single Sin"

MOTHER'S MILLIONS — (Liberty) — May Robson, neste film, personifica Harriet Breen, uma mulher que á a mais rica do mundo e que existiu, realmente. E fal-a com grande intelligencia e agrado. O film é divertido e muito bom, mesmo. A representação e a apresentação é demasiadamente theatral, seu unico grave defeito. Mas James tam-na, novamente. Não é um máo film. Mas de bom tambem não tem nada. Lew Ayres precisa de papeis melhores. Neste papel era John Gilbert e é inutil insistir. Genevieve Tobin faz tudo que pode. Máos dialogos.

IT PAYS TO ADVERTISE — (Paramount) — E' uma comedia recommendada especialmente aos neurasthenicos que ha muito não se divertem. Mas elles devem continuar em casa: este film ainda lhes fará mais mal aos nervos... Ha muita acção, isto sim. Fóra disso... Skeets Galagher, Norman Foster (marido de Claudette Colbert), Carole Lombard e outros figuram nesta antiquissima farça que o proprio Bryant Washburn ha annos já fez para a Paramount.

BODY AND SOUL — (Fox) — Aeroplanos, espiões, falsa identidade e mais cousas neste genero. Charles Farrell, sempre interessantezinho, faz tudo muito bem feito. Elissa Landi, no seu premeiro papel para o Cinema. Pode fazer outros, sim: é realmente interessante... Myrna Loy traz antipathia para a téla.

FINN AND HATTIE — (Paramount) — Mitzi Green e Jackie Searl roubam o film do "astro" Leon Errol. Ainda figuram no elenco ZaSu Pitts, Lilyan Tashman e Regis Toomey. Mas não tem importancia: continuamos no nosso primitivo modo de pensar... O film é bom. Tem graça e pode ser visto.

AMONG THE MARRIED — (M. G. M.) — Mais um desses films chamados "maliciosos". Maridos e mulheres, amantes, talvez... Tudo termina bem e razoavelmente. Adolph Menjou é um esplendido artista, realmente. Norman Foster e Leila Hyams servem, nos seus papeis. Não é para creanças.

A CONNECTICUT YANKEE (Fox) — Will Rogers e Mark Twain, misturados. Quantas boas gargalhadas! Esta versão falada é melhor do que a silenciosa que foi feita com Harry Myers, ha annos. Foram tomadas liberdades com a historia, mas, todas, felicissimas. Por exemplo: os soldados do Rei Arthur fazem suas cargas com metralhadoras em vez de lanças, o que, sem esperar, é um esplendido "gag". Will Rogers, como "Yankee", muito bom. William Farnum e Myrna Loy, a sinuosa, tambem excellentes. Frank Albertson e Maureen O'Sullivan fornecem parte do interesse amoroso da historia.

PARLOR, BEDROOM AND BATH (M G M) — Uma das mais conhecidas e interessantes farças do theatro que se torna um divertidissimo e esplendido fiml. Buster Keaton e Charlotte Greenwood, disputam as honras do film, palmo a palmo. Não se sabe de qual delles é a victoria... A historia é conhecida e apresenta Buster Keaton num formidavel papel de conquistador irresistivel. ¡Admiravel! Reginald Denny, Dorothy Christy, Sally Eilers, Natalie Noorhead e Cliff Edwards completam o esplendido elenco.

KIKI (United Artists) — Mary Pickford, novamente, no alto da lista! Para quem a dizia derrotada, "Kiki" é bem a prova do contrario. A metamorphose pela qual passou a *namorada da America* foi radical e formidavel. Não existe nada mais da Mary suave e meiga de outros tempos. Surge-nos cheia de malicia, de poucas roupas e attitudes escandalosas... Ha muita cousa boa espalhada pelo film todo. O film, em si, é excellente. Reginald Denny, como galã, tem um dos melhores papeis da sua carreira e sahe-se delle galhardamente. Poucas vezes elle teve semelhante opportunidade. "Kiki" é prato para gente adulta que aprecia malicias. Situações e dialogos um tanto ou quanto inconvenientes, mas mesmo assim não chega a ser "improprio" para menores. Haverá muita cousa para sorrisos de comprehensão.

EAST LYNNE — (Fox) — Uma producção como poucas, em belleza e arte. Já sabemos, perfeitamente, que é um drama theatral do tempo dos nossos avós, mas está muito bem feito e muito bem remodelado. As idéas modernas de tragedia mudaram e as situações, hoje, são outras. O fim retem todos os detalhes impressionantes da tragedia original, mas tudo está feito com muito gosto e muito espirito moderno. Montagens deslumbrantes, photographia admiravel e uma direcção carinhosa de Frank Lloyd. Ann Harding, a estrella do mesmo, passa por todas as gammas da emoção e subjuga as platéas. Conrad Nagel e Clive Brook, interessantes, ambos nos seus respectivos antipathicos papeis. A pantomima de Brook é admiravel. Beryl Mercer figura com brilho, num pequeno papel. Vale a pena.

LONELY WIVES — (Pathé) — Em materia de farça agradavel e interessante, esta é esplendida. Edward Horton, num papel duplo, admiravel. As tres pequenas envolvidas na historia, são Esther Ralston, Laura La Plante e Patsy Ruth Miller. A ultima dellas é a secretaria maliciosa e perigosa. As outras duas são esposas. Mas não "inteiramente" sós... Bom Film.

Fay Wray e Richard Arlen em "Conquering Hord"

Hall, Lawrence Gray, Frances Dade, Edmund Breese e outros, ao lado de May Robson, fazem valer a pena vel-o.

JUNE MOON — (Paramount) — Um electricista vulgar que se imagina um grande compositor de canções de successo. Jack Oakie, neste papel, vale muitas boas gargalhadas. Harry Akst, tambem no elenco, quasi rouba o film. Divertido, este film.

KEPT HUSBANDS — (Radio) — O titulo do film conta a historia toda. Dorothy Mackaill e Joel Mc Crea são os principaes... Clara Kimball Young faz uma reapparição auspiciosa. Não representa muito bem e com grande segurança, mas ainda é muito linda. Mary Carr, Bryant Washburn e Robert Mc Wade tomam parte.

Warner Oland e Ernest Hilliard em "Drums ot Teerpardy".

FUTURAS ESTRÉAS

BEHIND OFFICE DOORS — (Radio) — A historia de um joven industrial despreoccupado que consegue uma immensa fortuna com o auxillio da sua linda e admiravel secretaria. Robert Ames é o joven irresistivel... Mary Astor, a linda e admiravel secretaria. Catherine Dale Owen e Edna Murpht tambem dão palpites. Mary Astor representa bem.

DON'T BET ON WOMEN — (Fox) — Maridos, mulheres e amantes numa historia que é bastante apimentada. Divertimento para adultos, com certeza. Roland Young rouba o film de Edmund Lowe e Jaanette Mac Donald. Una Merkel tem alguns bons momentos.

THREE GIRLS LOST — (Fox) — A Fox sempre que qualquer fabrica faz qualquer cousa de successo, ella tambem vem logo com a imitação. A M. G. M. teve "Three French Girls". Agora vem a Fox com "Three Girls Lost"... Loretta Young, Joan Marsh e Joyce Compton são as "ditas". Lew Cody é a melhor cousa que ofilm tem, num papel de individuo fóra da lei. John Wayne, fraquissimo. Boa tarde!...

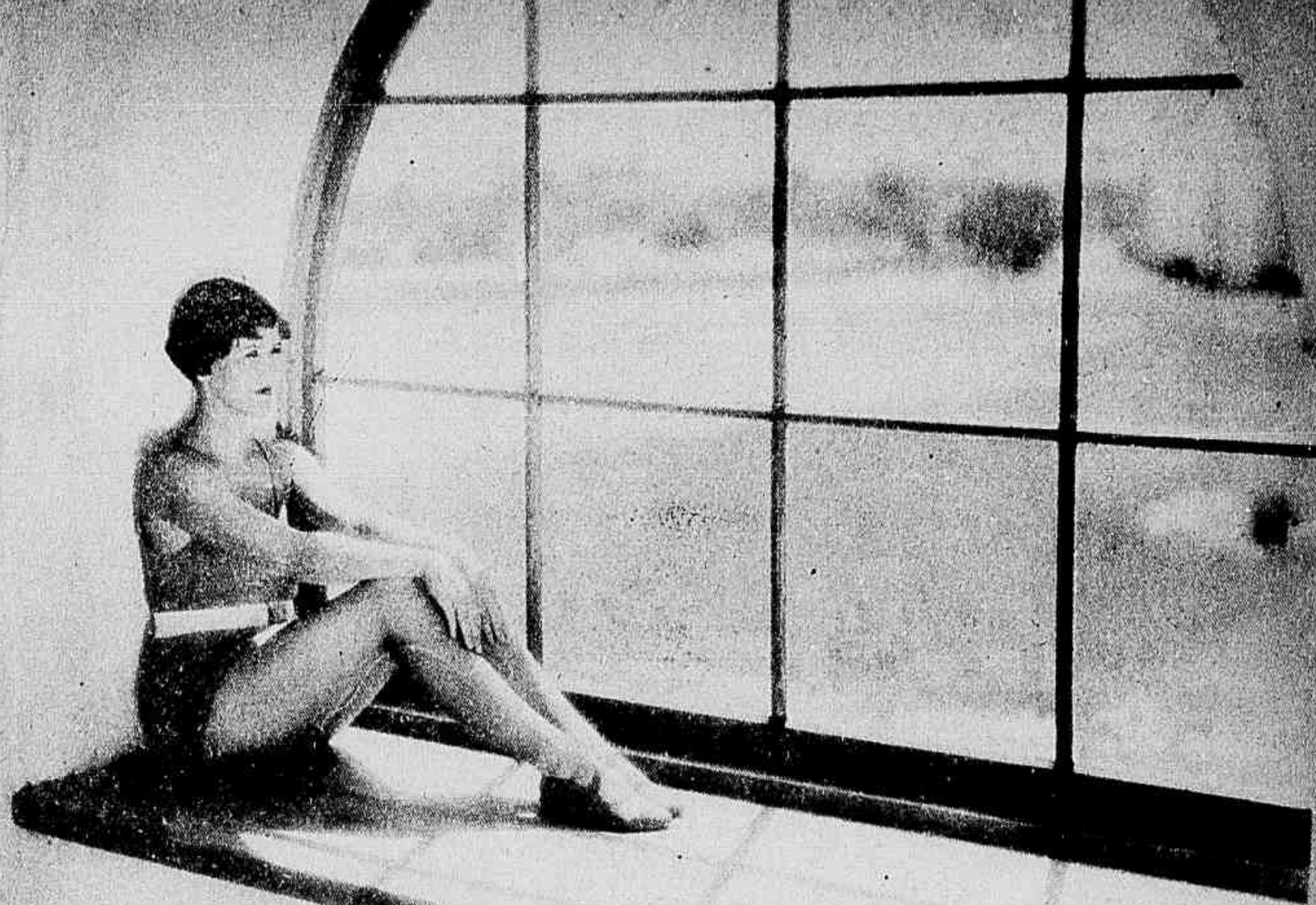
FIRES OF YOUTH — (Universal) — John Gilbert e Jeanne Eagels, ha annos, fizeram a mesma historia, dirigidos pelo mesmo director desta: Monta Bell. Agora, falando, Lew Ayres e Genevieve Tobin represen-

STOLEN HEAVEN — (Paramount) — Nancy Carroll e Phillips Holmes em alguns brilhantes momentos dramaticos. Ou o scenarista ou o director, entretanto, arruinaram qualquer brilho que a historia tinha e o film não revela. Dois jovens que querem viver com dinheiro roubado e vivem á procura da felicidade. Nancy Carroll vale a pena.

CHILDREN OF DREAMS — (Warner Bros.) — Uma das razões pelas quaes o Cinema falado despediu todos os artistas cantores e todos os compositores de Hollywood para Broadway, novamente... Sigmund Romberg e Oscar Hammerstein II, dois responsaveis por outros tantos pessimos films, como "A Noiva do Regimento", "A Flamma" e outros, tornam a fazer um peor: este: O pessoal do film é terrivel. Nem pensem em tentar assistir.

DOCTOR'S WIVES — (Fox) — Warner Baxter é o medico. O film suggere muita cousa pelo titulo que, afinal, não se realisa... Joan Bennett faz crer que não é tão difficil assim encontrar-se uma artista cacete... Victor Varconi e John Sainpolis, figuram. Diversão menos do que vulgar e pouco recommendavel na lista do director Frank Borzage que já tem feito cousa muito melhor.

Sim, Zelma
O' Neill!

Viram
Mulheres á "bessa" ?

Vamos jogar
Golfinho?

Os Amores de Gloria

Um homem magro, embora elegante, vestido irreprehensivelmente, mesmo, passou, calmo e impassivel, pela Place Vendome durante as ultimas horas de uma quente tarde do verão de 1924.

Seu todo era distincto, seu porte, nobre. Com certeza dirigia-se ao Ritz para o seu "cocktail" predilecto. Seus olhos eram de azul profundo e elle movia-se com elegancia rara.

Um parisiense, na extensão da palavra. Não é difficil reconhecer nelle Henri, Marquez de la Falaise et de la Coudray, pois era uma das mais acatadas figuras do mundo parisiense de então e figura eminente nas corridas, na opera e na Riviera, sempre rodeado das mais formosas e das mais aristocraticas damas da sociedade franceza. Amigo do Principe de Galles. Veterano da grande guerra. Descendente de aristocratas os mais apurados em descendencia.

O Marquez entrou, solemne, pelo bar do Ritz. O seu todo parecia tomado por uma leve sombra de aborrecimento. Depois da guerra, aliás, tudo lhe parecia aborrecido, ingrato. Todas as noites já eram suas conhecidas e prazer algum poderia ser novo para ser sabor experimentado.

Ao seu lado, numa pequena mesa, sentado igualmente quieto, estava um cavalheiro de boa apparencia, desconhecido delle e que parecia profundamente immerso nos seus intimos pensamentos, juntamente com os vapores do seu "cocktail" de "champagne". Foram apresentados. O nome delle era Forrest Halsey e era um dos mais afamados scenaristas do Cinema norte-americano.

Henri de la Falaise mimoseou-o com um gentil palavreado: "Sinto-me immensamente fascinado pelos films que fazem por lá!" "São notaveis, mesmo" e outras phrases igualmente polidas e agradaveis como estas. Desappareceu, como que por encanto, o aborrecimento que toldava a fronte do scenarista. "Fala inglez? Perguntou elle. Depois que soube que Henri falava, respirou e continuou." Graças a Deus! Ando tão aborrecido com a lingua franceza que já não a posso mais ouvir. Eu não falo francez. Bebo o que aqui se produz, mas não falo. Estou aqui assistindo á confecção de uma pellicula. O seu Paiz é formidavel, realmente, mas eu apreciaria muito mais que houvessem construido as montagens lá em Hollywood, mesmo.

O Marquez riu-se. Depois, conversaram sobre films. O scenarista tornou-se alegre, expansivo. Falou da grandeza do Cinema e do seu progresso.

— Gostaria de um emprego nelle?

Perguntou ao Marquez o scenarista. Aquelle pensou antes de responder e tornou-se visivelmente contrariado com a importuna pergunta.

— Não, absolutamente! Depois da guerra não ha mais aquelle que pense em trabalhar... Não pretendo fazer-me artista.

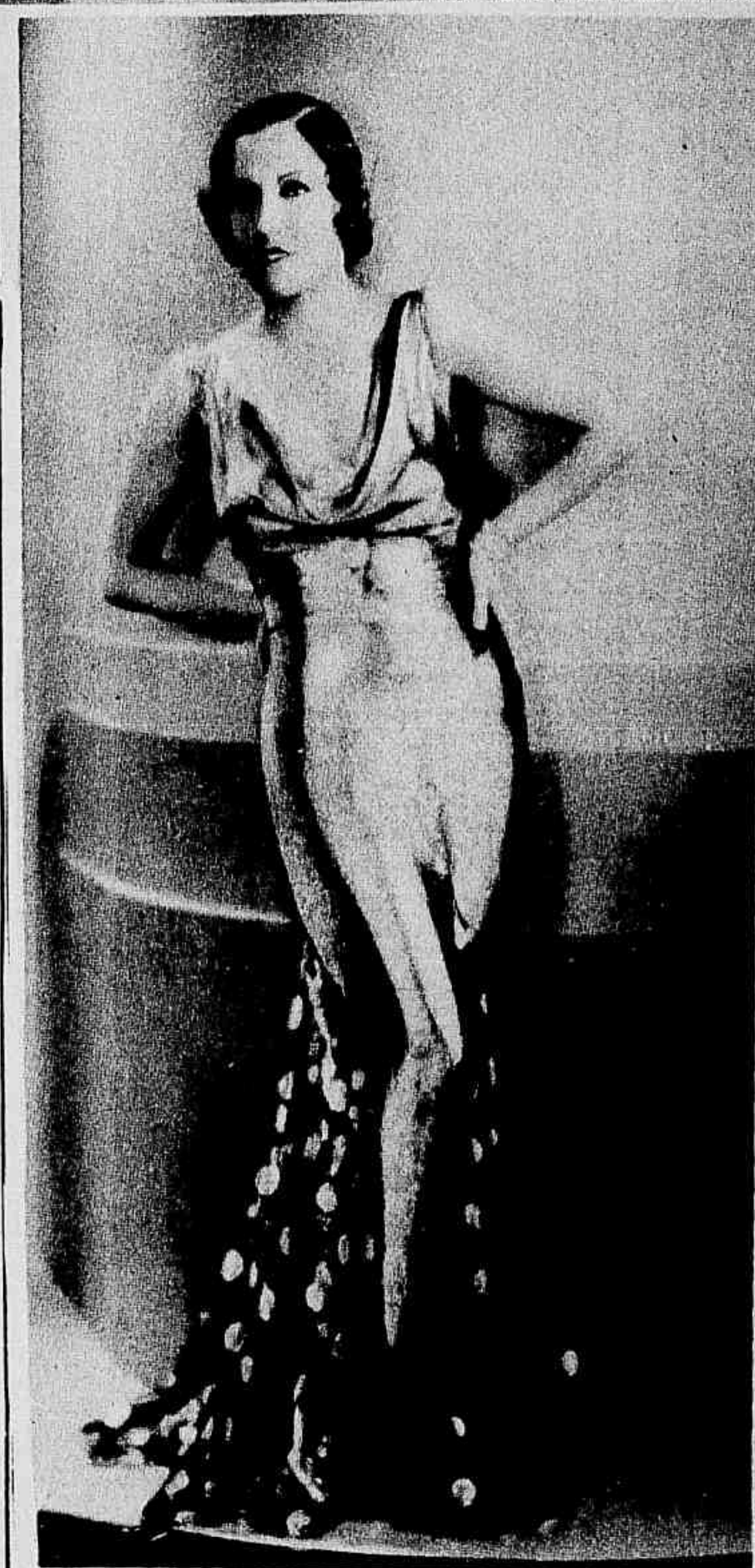
— Mas eu não me referi acerca de representação. Disse-lhe Forrest Halsey.

— Deixe-me explicar-lhe. estou aqui em companhia de Gloria Swanson. Viemos para filmar "Madame Sans Gene". Precisavamos de ambientes os mais verdadeiros possiveis. Não falo francez. Gloria tambem não fala. No film, entretanto, inclusive o director, só apparecem cavalheiros que só falam francez. Isto é terrivel!!!

— Por que não arranja um interprete?

Suggeriu o Marquez.

— Temos nove, amigo!!! Mas Gloria não os aprecia, absolutamente. Quando nós conseguimos entender o inglez que falam, é o director que não entende o francez que falam e vice versa, depois... No melhor dos casos, imagine, não entendem nada de Cinema. Acho-os todos refinadamente estupidos. Já têm posto Gloria mais de uma vez possessa. Eu ia suggerir-lhe que acceitasse a vaga...

Por instantes o joven francez de sangue azul fixou um frio olhar no americano que lhe fazia a franca proposta. Um Marquez como interprete de uma artista de Cinema?... Mas... por que não? Além disso o verão estava insupportavel e elle,, afinal de contas, sempre quizera saber como é que se fazia um film e achava isso muitissimo divertido.

— Pode ser.

Respondeu-lhe o Marquez.

— Pois então venha já commigo que lhe apresentarei Gloria Swanson.

Meia hora depois um criado surpreso annunciava a Gloria Swanson, no seu elegantissimo appartamento, que Mr. Halsey e um tal Marquez de la Falaise estavam na sala de espera.

Gloria Swanson empôou o seu conhecidissimo nariz arrebitado, olhou-se demoradamente no espelho, concertou o que vestia e depois de se perfumar com Chanel do melhor, desceu ao encontro do nobre.

— Gloria.

Disse Halsey.

— Apresento-lhe o Marquez de la Falaise. Marquez, aqui Miss Gloria Swanson. Gostaria, Gloria, de tel-o como nosso interprete?

Apertaram-se as mãos, depois sorriram, mutuamente. Depois começou a conversa. Cousas casuaes, sem importancia. Gloria achou que elle era elegantissimo e dono de maneiras finissimas. Henri, por sua vez, via qualquer cousa nova e extranha dentro do cinzento daquelles olhos quasi mysteriosos... Ella, apesar de tudo, não lhe pareceu uma creatura feliz. Talvez com saudades da Patria, talvez aborrecida dentro de Paris que tanta gente cobiça, de longe...

Elle não se impressionara pelo facto de estar falando á artista Gloria Swanson. Elle conhecia muitas outras celebridades do theatro, da opera, dos bailados e artistas, todas. Eram fascinantes, todas e muito curiosas. Não via, portanto, porque assombrar-se com o facto de se achar na presença de Gloria Swanson, artista de Cinema. Ficou para jantar, entretanto. Gloria achou-o um pouco nervoso e disse-lhe que notara isto. Mais tarde é que elle lhe contou que havia perdido um combinado jantar elegante na Avenida Victor Hugo e que nem siquer sabia porque é, mesmo, que o fazia...

Para ella elle era interprete da lingua franceza.

Para elle, ella, uma aventura differente para um verão aborrecido.

Encontraram-se, depois, debaixo das terriveis lampadas de arco, naquelle tempo ainda usadas. A Henri, calmo, sempre elegante, ella devia explicar o que pensava fazer na scena que se seguia e elle, depois, apesar de todo o nervozismo feliz com que ella utilisava seu novo interprete, devia em ir ouvir a outra parte, o director.

— Mas elle não entendeu! Você falou muito depressa!

Dizia-lhe ella. E elle insistia.

— Comprehendeu, sim.

E tinha comprehendido, realmente...

Semanas passaram-se. Todos os dias Gloria Swanson via o Marquez de la Falaise et de la Coudray.

— Foi amor á primeira vista?

Perguntamos a Gloria Swanson, certa vez. Seus olhos ficaram indecisos. Depois entristeceram. O seu passado feliz não lhe era grato recordar. Mas respondeu.

Gloria e Monroe Owsley em "Indiscreet".

SWANSON

— Não a primeira vista. Mas acho que não demorou depois disso...

Que ambiente para um romance! Paris, sempre a mais mulher de todas as cidades, toda cheia de encantos e seducções sempre novas! Elles se amaram com ardor, com muita paixão. Seus corações, ali, foram immensamente felizes.

Um verão em Paris. O seu primeiro verão em Paris. E Henri, ao seu lado, sempre, distincto e correcto, sempre, a mostrar-lhe toda a cidade... Que volupia!!!

Dias e dias elles passaram em longos passeios por todos os bosques, jardins e parques da cidade. Os jardins das tragicas comedias de Maria Antonietta foram scenarios de paixão para Gloria e Henri. Foram dias nos parques, dias nos campos proximos de Paris, dias cheios de uma ventura que só pode ser curta para ser completa...

Foram a passeios de automovel. Visitaram

Gloria

o museu do Louvre. Viram tudo e, depois, tornaram a ver de novo a mesma cousa. A' tarde, no Chateau Madrid, como namorados os mais simples, esqueciam-se da vida, esquecendo-se ella da sua, particularmente, ao lado daquelle homem tão delicado e meigo que lhe mostrava todos os encantos daquella cidade dentro das maneiras as mais cultas e elegantes. Ella, uma pequena de Chicago, jamais havia pensando que existisse alguem assim...

(*Continúa*)

Sem NOVIDADE NO

(ALL QUIET ON THE WESTERN FRONT)

FILM DA UNIVERSAL

LEW AYRES .... Paul Baumer
Louis Wolheim .... Katczinsky
John Wray .... Himmelstoss
Slim Summerville .... Tjaden
Russell Gleason .... Muller
William Bakewell .... Albert
Scott Kolk .... Leer
Walter Rogers .... Behm
Ben Alexander .... Kemmerich
Owen Davis Jr .... Peter
Beryl Mercer .... Frau Baumer
Edwin Maxwell .... Herr Baumer
Harold Goodwin .... Betering
Lucille Powers .... Fraulein Baumer
Richard Alexander .... Westhus
Pat Collins .... Lieutenant Bertinch
Yola d'Avril .... Suzanne
Arnold Lucy .... Kantorek
Bill Irving .... Ginger
Renée Damonde .... franceza
Poupée Andriot .... franceza
Edmund Breese .... Herr Meyer
Charles Conklin .... Hammacher
Bertha Mann .... Irmã Libertine
Bodil Rosing .... Wachter
Raymond Griffith ..... Soldado francez na trincheira
Joan March .... Pequena.

Director: — LEWIS MILESTONE

O livro de Erich Maria Remarque, do qual Dell Andrews e George Abbott tiraram o resumo Cinematographico deste film, é um desses raros e admiraveis livros, que sómente em cada seculo nos é dado ler um. Reune, em suas paginas, momentos da Guerra Mundial ineditos até agora para a literatura e para os films. São paginas medonhas, descriptivas da grande, da immensa miseria que é uma guerra que anniquila raças inteiras e apenas com o proveito dos chefes e total desbaratamento da collectividade. Remarque, na sua obra, condemna a guerra. Paul Baumer, no livro, não existe. E' elle que conta, elle que descreve tudo quanto o livro diz. Seus episodios são psychologia da mais admiravel estudo de caracteres do mais perfeito. O film ainda não vimos e nada delle podemos dizer nem do que conseguiu Lewis Milestone de assumpto tão formidavel. Aqui a sua descripção, muito resumida, muito simples. Apenas uma orientação sobre a *Historia*, factor tão importante para quem quer ir ao Cinema *depois* de conhecer o assumpto que vae assistir.

—o—

Paul Baumer, Kemmerick, Albert. Muller, Behm, Peter e tantos outros, são collegas num collegio de aldeia allemã e amigos os mais enraizados. Kantorek ali é o mestre. E elle, como todo professor que ama sua patria, presta seu favor á mesma incitando a r d e n t emente seus alumnos pela "grande causa".

Pelo Paiz todo, igualmente, a mobilização é geral. O patriotismo arrasta todos para as fileiras. Maridos deixam as esposas, paes ficam sem filhos, ninguem mais quer saber de nada. Apenas da guerra. Guerra e mais guerra. Exterminio. Destruição. Miseria. E' o que querem, apenas. E' um delirio! Todos querem almoçar em Paris, todos acham que a Allemanha tem razão, todos querem destruir, arrazar, derrotar, dar expansão ampla ao patriotismo que juraram desde o berço á patria querida e que só neste momento podem provar.

E começa a avalanche de gente para a bocca dos canhões alliados, para a destruição, para a miseria de lares, para a desgraça de toda humanidade. O ataque sobre a França, a principio fulminante, detem-se. E depois que se detem, estaciona. Estacionado, agora, começa a devorar gente. Fornalha insaciavel pede mais. Formam-se novos batalhões. Partem. São ceifados. Novos pedidos. Novos batalhões. Novas mortes aos punhados. De lado a lado, destróem-se. E depois de esgotados todos os recursos da primeira linha, da segunda e terceira, mais tarde, começam os jovens a "mocidade de ferro", a prestarem seu auxilio á patria.

Do outro lado, tambem. E' a miseria tocando vencidos e vencedores. E a victoria a sorrir ora aqui, ora acolá. Avançam um kilometro, perdem dois, tres, quatro mil homens. Recuam um kilometro, perdem outros tantos...

E vae mais gente. Mais e sempre mais. Um nunca acabar de moços incautos a caminhar para a morte, sem ideal, sem ambição, sem vontade, sem odio, sem impeto, sem nada.

— Por que odiar a França?

E' o espirito do moço quasi criança que pergunta.

— Para a frente, marche!!!

E' a resposta do militar profissional.

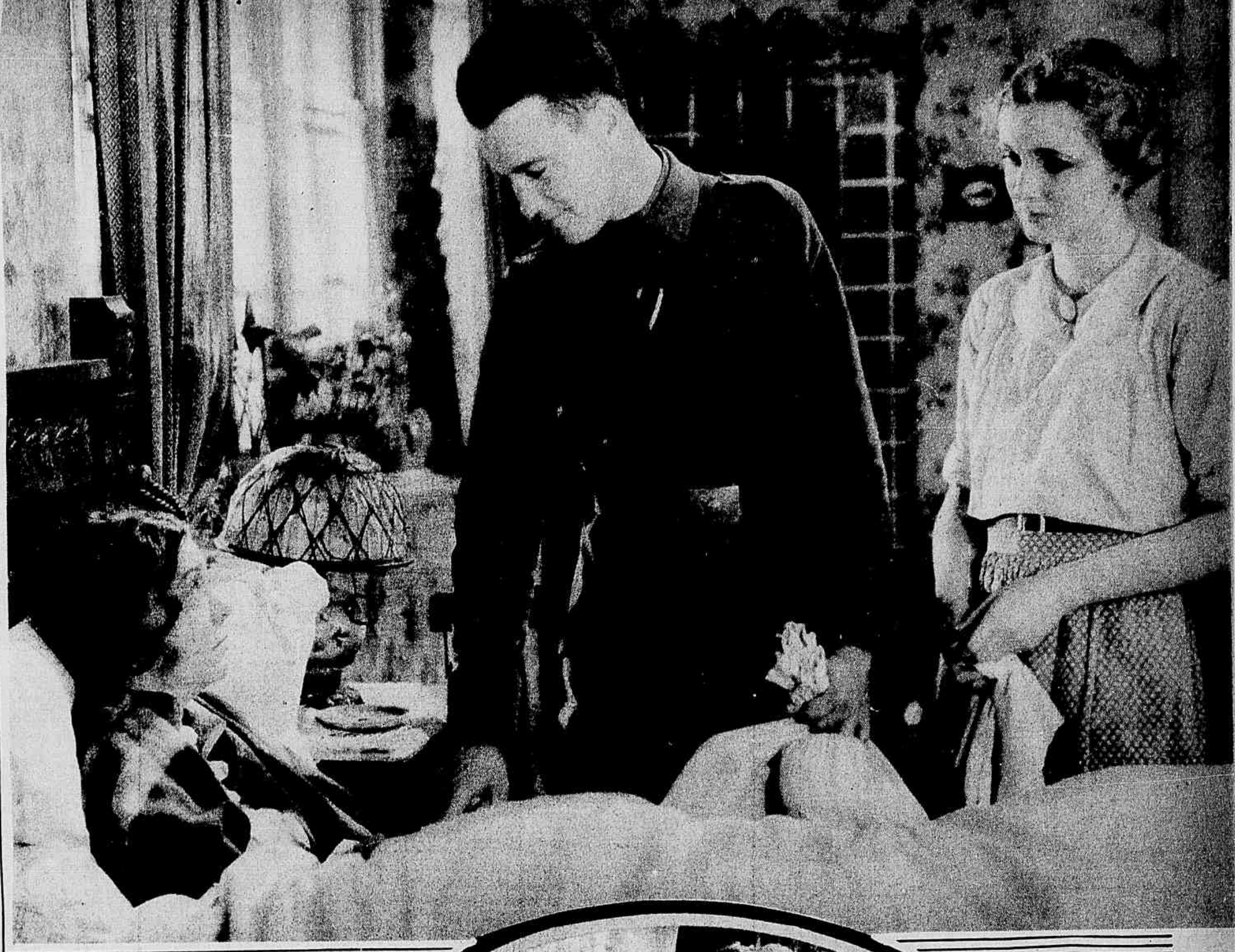
— Por que matar meu adversario que nem siquer conheço?

— Para a frente, marche!!!

— Por que morrer e deixar meus paes?

— Para a frente marche!!!

Perguntas sem respostas, respostas que são o proprio rythmo de fogo e ferro que fez a guerra durar tantos annos e as vidas serem tão vilmente ceifadas por causa tão ingrata...

——o——

E seguem todos elles, Paul, Albert, Kemerich, Muller, Behm, Peter, e muitos outros, para o campo de instrucção.

Neste, Himmelstoss é o proprio *kaiser*. Abusa do seu poder. Deslumbra os rachiticos com a força dos seus pulmões. Atordôa os meninotes com a musica das suas ordens violentas. Derrota a saude dos franzinos com pesados e brutaes exercicios, dá instrucção como selvagem que espancasse animaes sem ter motivos...

E' a primeira desillusão da mocidade allemã.

Mocidade?... Quasi infancia... 18, 17, 16, 15 annos... Idades delles e daquelles que com elles seguem para reforçar as ultimas, as seguintes e até as proprias primeiras fileiras do exercito allemão terrivelmente dizimado por mais de dois annos e mezes de combate continuo...

——o——

Depois do *estudo*, da brutalidade de Himmelstoss, o *front*, afinal!

E o *front*?...

O *front* é sangue. Cabeças decepadas, braços arrancados, gemidos, lagrimas, lamurias, palavras desencontradas, constante delirio que uma mocidade tão moça não tem alma para sentir, para comprehender, para justificar...

E para lá é que vão todos elles. E' lá que se encontram com Katczinshy, Tjaden, muitos outros, já tostados pelos combates, já callejados nas lutas, completamente indifferentes á morte, perfeitamente frios diante dos perigos maiores. Profissionaes verdadeiros da arte de matar que ainda são amadores só na arte de morrer...

Um obuz que estoura. Uma granada que sibila. Uma padiola ensanguentada, são simples motivos para que elles estremeçam, para que elles se encolham, para que elles se apavorem. Não podem ser heroes. Falta-lhes idade. Falta-lhes enthusiasmo. Falta-lhes estimulos maiores e mais enraizados...

E são só obuzes que sentem ao lado. Granadas que sibilam, padiolas que passam... Desfile da morte diante do olhar de gente que apenas nasce para a vida...

— Que mal me fez o inimigo?

— Por que odial-o?

(Termina no fim do numero).

— "Iguaes aos outros homens" — diz Joan Crawford

— "Aborrecem-me" — diz Rita La Roy.

Conversei com muitas **estrellas** de Hollywood e ellas me contaram o diabo dos galãs e dos homens de Hollywood... Ser sympathico, insinuante, figurar com grande successo num film e tornar-se mundialmente celebre, francamente, não é vantagem. Vamos ouvir algumas das cousas que nos disseram **estrellas** de Hollywood.

A primeira com a qual trocamos idéas, foi Rita La Roy. Ella, é uma das mais conhecidas actuaes **vampiros** do Cinema, disse o seguinte referindo-se aos mesmos.

Os artistas de Hollywood são uma companhia tão aborrecida, tão cacete, que meia hora em companhia de qualquer delles já é para mim o sufficiente para ter vontade louca de voltar para casa. As idéas dos mesmos, as suas intelligencias, limitam-se ao campo estreito de quatro assumptos: **golf**, bebidas, automoveis e reputações de mulheres ausentes, quasi sempre. E falam delles, sim, principalmente delles!... Jamais sabem ser delicados, admirando os vestidos que trazemos e nem falando-nos alguma cousa sobre nós mesmas. Ao contrario: elogiam os novos modelos que usam, com hombros largos e lapellas modernas e é só do que tratam... Depois, quando extinguem o repertorio de elogios pessoaes, entram com intimidades, geralmente e depois promettem que nos darão um bom papel, em pouco tempo, se formos sempre **boasinhas**... No dia seguinte, na rua, nem nos conhecem mais. Eu jamais encontrei um artista de Cinema, homem, galã ou não, que se interessasse por boa leitura. Elles lêm apenas o que os criticos dizem dos bons livros... Representam, de manhã até anoitecer e falam por quantas juntas têm. As mulheres que commentam, quasi sempre, são as creaturas mais villipendiadas e faladas do mundo... Elles não têm tempo de sobra para falar de si mesmos, como vão ter tempo de falar de uma mulher e falar bem, ainda por cima? Além disso, têm um outro gravissimo defeito: são de uma vulgaridade irritante. Posso demonstrar isto: certa vez, um delles quiz desculpar-se commigo de uma patada de má educação que me déra na vespera. Mandou-me seis duzias de rosas... Exhibição e mas exhibição!... Além disso, são os homens menos delicados que já conheci no mundo. Jamais arrumam a cadeira em que você se senta ou abrem a porta para você passar. Mesmo os mais humildes, aquelles que ainda frequentam **casting offices**, mesmo esses já tratam estupidamente, as suas colleguinhas de officio.

O QUE

Antigamente, ou antes, ainda hoje, menos em Hollywood, era costume ceder-se um logar á uma senhorita ou á uma senhora. Estes cavalheiros, entretanto, fingem ignorar radicalmente taes principios. O que poz assim a perder os jovens e formosos galãs de Hollywood, foram as seis ou dez pequenas que accodem ao seu mais simples olhar, ao seu mais simples gesto. Se a mulher de Cinema se desse mais ao valor, esta cambada havia de mudar de rumo. Encontram-se com a gente. Conversam alguns minutos. Se nos levam em companhia, sempre nos levam para uma seia ou para uma **farra**. Nunca fazem um juizo digno da gente. Eu, por profissão, seduzo-os diariamente, representando e, depois que cessa o trabalho, não mais os posso supportar. Eu jamais tive um sincero amiguinho aqui. Tenho tido conhecimentos e quasi todos os mais aborrecidos e cacetes deste mundo. Directores assistentes, na minha opinião, são a companhia mais agradavel de Hollywood. Os **astros** levam a cousa muito a serio e não vêm que tudo isso é cousa que cahe do dia para a noite... O galã de Hollywood é o homem que, no mundo, menos conhece o sentido da proporção exacta...

Agora é a vez de Joyce Compton falar dos homens de Hollywood.

— Os homens **astros** de Hollywood não se querem casar, nunca, temendo sempre que venham perder **fans** por isso. Preocupam-se duas vezes mais com suas carreiras do que as **estrellas**. Tudo que fazem é estudado. Do minimo gesto, á minima phrase. Pensam, firmes, que são creaturas de uma importancia desmesurada. O que menos pen-

ELLAS pensam DOS Galãs...

— Bébé não concorda com as criticas qué fazém dos galãs por causa dé Bén Lyon...

sam é ser delicado com alguma pequena. O que acontece com elles, frequentemente, é serem, parece incrivel, extremamente acanhados com as mulheres. Temem que se venham a comprometter e ficam entocados, pensando apenas em si, apenas em si, sómente em si...

Ouçamos Mona Maris, agora, a argentina que tanto successo vem fazendo nos films.

— Os artistas de Hollywood — disse ella depois de uma pausa para pensar — são curtos de cerebro e mediocremente cultos. Não são romanticos. Pensam que é practicavel misturar amor com **sport**, e, bem por isso, a maneira pela qual amam é a mais ridicula e tola deste mundo... Não cuidam de mulher. Cuidam de si... Fazem propostas matrimoniaes como se estivessem recitando um dialogo diante de um microphone. Temem as aventuras e não comprehendem e nem admittem uma amisade platonica em qualquer mulehr que seja. Se a mulehr cahir na asneira de dar o seu telephone á um artista de Hollywood, prompto! Todo mundo já sabe, no dia seguinte e elle já pensa que é só com elle que essa mulher tem que sahir e só elle é seu **patrão...** São, nas acções, raupas, falas e maneiras de agir, extremamente convencidos, sem excepção alguma. Tudo é exhibicionismo, nelles. São mais attrahentes e vistosos, physicamente, do que os homens europeus, sem duvida, mas mentalmente são muitos inferiores. Além disso, são amigos das **farras** declaradas e não sabem ter controle proprio. Prefiro ficar em casa, a vida toda, do que sahir com um homem de Hollywood.

Joan Crawford, que a seguir consultamos, disse-nos.

— Um artista de Hollywood é um homem, como outro qualquer. Levantam-se pela manhã e escovam os dentes. Depois vão ao banho de mar e fazem, direitinho, tudo quanto os outros tambem o fazem.

Bebe Daniels e Ruth Roland, ambas casadas e felizes com artistas de Hollywood não concordam com as criticas que as primeiras depoentes fazem aos homens de Hollywood. Irene Rich, por sua vez, tambem affirma que o homem de Hollywood é tão digno e tão indigno quanto qualquer outro homem do mundo.

— São principalmente bons negociantes. Já reparou nos excellentes contractos que muitos delles manejam com sabedoria infinda? Conheço muitos homens de negocios que gostariam de ter um pouco da practica do homem de Hollywood, nesse particular...

Mary Brian e June Collyer, por suas vezes, acham que é a cousa mais facil distinguir entre os homens de Hollywood. Se quizermos um homem estupido, por exemplo, é só fechar os olhos e estender a mão. E se quizermos um intelligente, em compensação, é mais complicado mas sempre arranja-se.

June Collyer tambem

Mary Brian acha que ha todos os typos.

A seguir foi Mary Duncan que falou. Perguntamos-lhes se achava-os muito viciados?

— Viciados?... Não. Poços de virtudes, ao contrariio...

E continuou explicando:

— Acho que elles são admiraveis, justamente porque são convencidos. E' o convencimento que os torna vistosos, bonitos, bem parecidos... Um homem que não cuida de si é insupportavel. E o homem convencido quasi sempre o faz. Para conseguir successo, o artista tem que agir como age. Não o censuro por isso. O negocio é que ha artistas mais do que convencidas que ficam indignadas quando se encontram com homens mais convencidos do que ellas e dahi a causa toda do **barulho**... O artista de Hollywood, por mais convencido e egoista que seja, jamais será convencido e egoista quanto o é uma simples **extra**... Dizer que o dinheiro é que os torna assim, é mentira. O dinheiro que ganham mal dá para pagar o que gastam e se gastam o quanto gastam é porque têm que apparentar para não desmoralisar a fama que têm. Acho muito peores e muito mais imbecis os artistas do theatro de New York.

Continuou, em seguida, abordando assumpto mais importante ainda:

— Os homens de Hollywood são faladores, intrigantes, maliciosos? E as mulheres de Hollywood? Haverá no mundo, já não digo em Hollywood apenas, um só homem

(Termina no fim do numero)

SKEETER LE MAR

DOROTHY LEE...

BERNICE CLAIRE...

O' LEVRY

OLGA VALERY

VALMA VALENTINE

EVA ROSITA

LILLIAN BOND

Rival dos

(THE BOUDOIR DIPLOMAT) —
FILM DA UNIVERSAL

IAN KEITH . . . . *Barão Valmi*
BETTY COMPSON . . . . *Helene*
Mary Duncan . . . . *Mona*
Jeanette Loff . . . . *Greta*
Lawrence Grant . . . . . *Embaixador de Monteverto*
Lionel Belmore . . . . . *Krakowitz, ministro da Guerra*
André Beranger . . . . *Potz*

Director: — MALCOLM ST. CLAIR

As mulheres bonitas da Luvaria, as esposas romanticas, as noivas hesitantes, já começavam a pôr em duvida os meritos amorosos de conquistador irresistivel com os quaes vinha de Paris dotado o Barão Valmi, joven *attaché* militar da embaixada de Montevertan. Muitas historias contavam dos corações que elle deixara pisados, em Paris e, delle, ainda outras tantas se contavam. Nada disso, entretanto, convencia as mulheres sonhadoras e apaixonadas da Luvaria: o Barão era tão timido, tão acanhado, tão pouco atirado...

Num baile que se realizou na embaixada de Montevertan, dado em honra do poderoso ministro da guerra da Luvaria, o embaixador poz-se a censurar Valmi.

— E's um tolo! Se não te mostras ousado, distincto com as mulherees e digno da tua fama de grande amoroso, meu amigo, estarão todos os nossos negocios arruinados... Vamos, sahe do teu torpor!...

E Valmi, realmente, estaria disposto a cumprir as ordens que lhe dava o embaixador, logo depois de se ter retirado se a esposa do mesmo, Helene, não se approximasse delle e lhe dissesse, immensamente ciumenta:

— Valmi, não attendas ao que elle disse... Lembra-te que se deres um passo para o lado de qualquer mulher, meu amigo, estarás augmentando o meu desejo de mostrar as tuas cartas amorosas ao meu marido...

E era forte a razão, realmente, para que elle nada fizesse afim de contrariar os desejos daquella estranha mulher...

Depois de dansar com Helene e desta ter deixado por alguns minutos a sala, Mona, a esposa do ministro Krakowitz, em cuja homenagem se dava a festa, dá entrada e logo se dirige a elle. Tendo assistido ao final da scena entre elle e Helene, tendo comprehendido o significado de todos aquelles ciumes, diz-lhe ella que admira o seu bom gosto, pois, apesar de tudo, Helene é realmente bella... A attenção extrema de Mona pelo Barão, igualmente, desgosta a todas as outras pequenas sonhadoras que ali estavam á espera de um simples olhar do seductor Barão...

O embaixador de Montevertan, dias depois, recebe, do Rei, um importante documento pelo qual é noticiado que se faz urgente e premente um tratado de paz immediato entre a Luvaria e Montevertan. O ministro da guerra da Luvaria, entretanto, é, sabidamente, totalmente contrario á realisação desses desejos. A unica solução, para o embaixador, é recorrer ao seu *attaché* militar, o fascinante Barão Valmi.

Chamado á presença do embaixador, Valmi, a principio, sempre temeri-

MARIDOS

do a indiscrepção de Helene, nega-se immediatamente a fazer a côrte á esposa de Krakowitz, tanto mais que ignora que Mona é a unica que pode conseguir, do marido, aquillo que fará a felicidade da republica de Montevertan.

— Precisa seduzil-a, amigo Valmi. Preciosa! Em nome do nosso Rei e pela felicidade do nosso Paiz!

Diante disto, Valmi accede e esquecendo-se de tudo, pela Patria com sacrificio do seu coração, atira-se á conquista de Mona, a esposa de Krakowitz, ministro da guerra e unico homem que tem autoridade para consentir no tratado...

——o——

Nessa mesma noite, depois do jantar na embaixada, Mona sabe, por intermedio do embaixador, que Valmi roubara sua photographia da secretaria de Helene, apaixonadissimo como estava por ella e, satisfeitissima com a noticia que recebia, tanto mais que o julgava absolutamente frio em relação a si, diz ella que a noticia a punha alegre, sem duvida, mas ao mesmo tempo ultrajada e que, por este motivo, ordenava que até á tarde do dia seguinte fosse a photographia em questão devolvida e que, se o não fosse, iria ella ao seu appartamento buscal-a.

Na tarde seguinte, quando Mona comparece no quarto de Valmi, encontra-o disposto a fascinal-a. Dizendo-lhe que é uma esposa mais do que virtuosa, expõe-lhe, ella, que não lhe interessa, absolutamente, a sua collecção rara de pyjamas originaes. Estão nessa discussão a respeito de pyjamas, quando chega a esposa do embaixador e, para occultar Mona, Valmi encontra como unico e ultimo recurso a sua cama.

Helene, entrando, accusa valentemente Valmi de mais uma infidelidade que ella "presentia" e só recua, no seu ataque, depois que Valmi lhe diz, em voz baixa, que é seu proprio marido que se retirara, discretamente, pensando que fosse outra mulher e que se soubesse que era ella, muito se haveria de aborrecer... Atordoada com a resposta de Valmi e medrosa, Helene retira-se, incontinenti e Valmi volta para a companhia de Mona.

Em seu quarto, encontra a mulher que era esposa virtuosa já mettida num dos seus raros pyjamas e assim que della se acerca para beijal-a e acarinhal-a, ouvem novo toque de campainha e não é outro senão Krakowitz, o ministro da guerra que chega. Alarmado, Valmi esconde a esposa do homem que o visita e vae ter com elle.

— Não é nada de mais, amigo. Sei que tem grande influencia junto á commissão julgadora do concurso aberto pela Sociedade de Copenhagen e queria que fizesse o possivel para dar o premio de mulher mais virtuosa da Luvaria á minha esposa.

Valmi, engasgado, diz que sim, que está bem, que fará o possivel e socega, radicalmente, achando infinita graça no pedido, apenas depois que elle se volta e se retira...

Voltando para os braços e para os beijos de Mona, Valmi é novamente interrompido e, desta feita, trata-se do embaixador da sua Patria.

— Estamos errados, Valmi.

— Como assim?...

— Podes abandonar em paz a esposa de Krakowitz, sabes?

— O tratado depende da transferencia dos teus affectos para a Duqueza Greta de Alder...

O *attaché*, pasmo, recusa e diz, terminantemente, que não se sujeitará mais á isso e deixando sózinho ao embaixa-

(Termina no fim do numero).

Anjos do

(HELL'S ANGEL) — *Film da United Artists*

JEAN HARLOW . . . . Helen
Ben Lyon . . . . Monte Rutgledge
James Hall . . . . Roy Rutledge
John Darrow . . . . Karl Arnstedt
Lucien Prival . . . . Baron Von Kranz
Douglas Gilmore . . . . Capitão Redfield
Jane Winton . . . . Baroneza Von Kranz
William Davidson . . . . Major
Wyndham Standing . . . . Cmt. de Esquadrão
Carl Von Haartman . . . . . . Cmt. do Zeppelin

Director de dialogos: JAMES WHALE.

Director: — HOWARD HUGHES

Em Munich, durante os primeiros dias do verão de 1914, encontravam-se, fazendo companhia á um ex-collega de Oxford e grande amigo, Karl Arnstedt, dois rapazes inglezes, irmãos, Monte e Roy Rutgledge.

Monte é completamente alegre, folgazão, e divertido. Roy, mais quiéto e muito mais sonhador e idealista, temperamento completamente differente.

Um dia, quando tudo corria na forma mais agradavel de se imaginar, Monte arranjou um embaraço grande para si e para seus dois amigos, seu irmão e Karl. E' que fez-se amante da Baroneza Von Kranz e seu marido, descobrindo tal incidente, desafiou-o para um duello que seria o final daquella aventura.

Monte, pouco inclinado a semelhantes exhibições pelas armas e, além disso, pouquissimo ligando ao facto de ter sido desafiado, deixa que Roy, seu irmão, mais brioso, acceite por elle o desafio para que nada soffra a honra da familia. Roy é ligeiramente ferido, no embate, mas o incidente termina com ferimentos e sem mortes.

Voltando para Oxford, Roy faz questão de apresentar Monte á sua "pequena", como elle chamava Helen. Monte, entretanto, esquivando-se, não se furta de lhe dizer:

— "Pequena" que você arranja, Roy?... Não! faço fé...

Nesse periodo, exactamente, declara-se a guerra e Karl recebe ordens para regressar immediatamente ao seu regimento, na Allemanha.

Plena guerra. Roy alista-se no Real Corpo de Aviação. Monte não se quer alistar e nem siquer tem vontade alguma de ir combater. Assistindo, no emtanto, um alistamento e sabendo que uma das pequenas estava distribuindo beijos a cada um que se alistasse, elle acceita a troca e por um beijo passa a defender a Patria...

Numa noite, Baile de Caridade para uma instituição qualquer, Monte vem a conhecer Helen, aquella da qual Roy tanto falava e a qual tanto lhe vinha ultimamente transtornando a cabeça de ordinario tão calma e conscienciosa. Roy ausente, pois uma incumbencia no "committee" o prende até tarde, Monte e Helen travam uma grande camaradagem e ao fim da noite quasi que têm a certeza que se querem mutuamente com o mesmo ardor.

Monte acceita um convite que lhe faz Helen para ir ao seu appartamento. Lá, depois de algumas horas de permanencia ao lado daquella loira deslumbrante, tem elle a certeza de que ella não é o puro e branco lyrio que Roy a todo transe admitte que ella seja. No mesmo instante, comprehendendo sua situação e aborrecido comsigo proprio, por ter sido assim arrastado pela mulher que seu irmão ama, Monte retira-se e volta ao acampamento.

Karl, nesse momento, tambem no corpo de aviação allemão, vem com uma esquadrilha de "zeppelins" para bombardear Londres e traz a incumbencia de sacrificar Trafalgar Square. Revoltado com isto, certo de que acabaria matando muitos dos seus bons e saudosos collegas, ordena elle que o bombordeio se faça, mas em direcção por elle estudada, atirando, assim, todo o explosivo dentro de um lago, nada offerecendo de perigoso a Londres.

Roy e Monte, além de outros aviadores, são incumbidos de alcançar o "Zeppelin" afim de dar-lhe combate sem treguas. Dá-se o sacrificio da nau aerea allemã e o fallecimento heroico de Karl, até ao ultimo lutando para que o bombardeio atroz de Londres não se realize.

Roy e Monte, sem o saberem, são os principaes autores da liquidação do "Zeppelin" e assim o fazem quando, exgottadas todas as munições, arremessam o proprio apparelho em direcção ao balão, destruindo-o.

* * *

Monte e Roy, tempos depois, encontram-se em França e lá se avistam com Helen que, dirigindo uma cantina para uso e diversão dos soldados, seduz a todos e a todos põe apaixonados. Roy, amando-a cada vez mais, continua acreditando sempre na sua innocencia e nos seus bons habitos.

Apertados pela situação ingrata que Helen começa a criar entre elles, decidem, para disfarçar emoções, acceitarem uma incumbencia arriscadissima de pilotar um Gotha ex-allemão, capturado ha pouco, para tentar o bombardeamento de um determinado sector inimigo, deposito de muitas munições, para, assim, facilitarem um

que em regra ás tropas inimigas. Antes de partir, entretanto, Monte planeja atirar-se numa immensa "farra", emquanto Roy procura Helen. Acham-na, ambos, nos braços de um official, no café. Monte, contendo o impulso violento do irmão, convence-o de que ella não é digna do seu affecto e desillludido este, Monte tambem desillludido, atiram-se á bebida e á duas francezinhas interessantes que os olhavam, curiosas.

Embebedados, dirigem-se ao esquadrão afim de aguardar a hora da partida, tres da madrugada.

Recebem elles as instrucções finaes e partem. Roy pilota e Monte toma conta do lança-bombas.

Conseguem chegar ao destino, porque, sendo allemão o avião, não suspeita de nada o inimigo que os deixam em paz. Uma esquadrilha, commandada por Von Richthofen, passa por elles e tambem não da conta de nada. Ainda mal desapparecidos, apercebem-se de qualquer rumor extranho e voltando-se Von Richthofen em direcção ao Gotha, verifica que foi feito o bombardeamento do deposito de munições e, assim, uma perda irremediavel.

De facto, Roy e Monte haviam descido sobre o deposito de munições tudo quanto de explosivo traziam comsigo e, depois, dirigem-se para o aerodromo inglez, ao passo que, em cima delles, os Fokkers de Von Richthofen os esperam...

Afinal, depois de tudo bem calculado, Von Bruen dá o signal para o ataque e dezoito Fokkers atiram-se ao Gotha para destruil-o. Passam elles um perigo immenso e são salvos de uma morte certa pela chegada imprevista para o inimigo de uma esquadrilha ingleza que dão aos Fokkers opportunidade para um combate mais igual.

Von Richthofen, sempre fora do combate e apenas observando as manobras do Gotha, approveita um momento em que este se acha só e, atirando-se sobre elle, fal-o descer, em chammas, cahindo em territorio allemão. Lá, depois de presos e conduzidos por soldados de infantaria diante do commandante do local, verificam elles, aterrorisados, que não é outro sinão o Barão Von Kranz do duello...

Elle dá aos rapazes quinze minutos para tomar uma resolução. Ou contam a hora do ataque inglez ou serão fuzilados.

Violentamente nervoso, Monte quer contar tudo e escapar á morte. Roy, entretanto, tira-lhe isso da cabeça e fal-o comprehender a responsabilidade do momento.

Concebe Roy um plano, declarando que só se o deixarem liquidar Monte é que contará tudo, porque Monte lhe havia roubado a amante. Consente o Barão nisso e entrega-lhe um revolver com uma bala apenas.

No quarto, sós, Roy tudo faz para que o tempo passe e o ataque dos inglezes se realize. Monte, nervoso, cada vez mais, só cuida da fuga e como vae contar tudo quanto sabe, mesmo, é atirado por Roy que vê, nesta, a unica solução para aquillo.

Monte, ferido mortalmente, perdôa Roy e sente-se feliz, mesmo, por não ter elle contado. Morre elle nos braços do irmão e ahi, então, é que o General allemão conhece a identidade de ambos, sabendo que são irmãos. Embora immensamente admirado de semelhante dedicação á Patria, é forçado a mandar Roy para diante do esquadrão de fuzilamento.

— Espera-me, Monte! Estarei comtigo daqui ha pouco!

E' a ultima phrase de Roy. Fuzilado, tomba por terra, morto.

Era a hora do ataque. Ao mesmo tempo que elle tomba, rompem os inglezes com fuzilaria violenta e iniciam o feliz ataque que a bravura daquelles dois irmãos tornara possivel victoria.

"Always Goodby", da Fox, é o primeiro film dirigido pela dupla Kenneth Mac Kenna (que felizmente deixou a tela!) e William Cameron Menzies, antigo director de arte da United Artists. Elissa Landi é a estrella e Lewis Stone tem um dos principaes papeis.

* * *

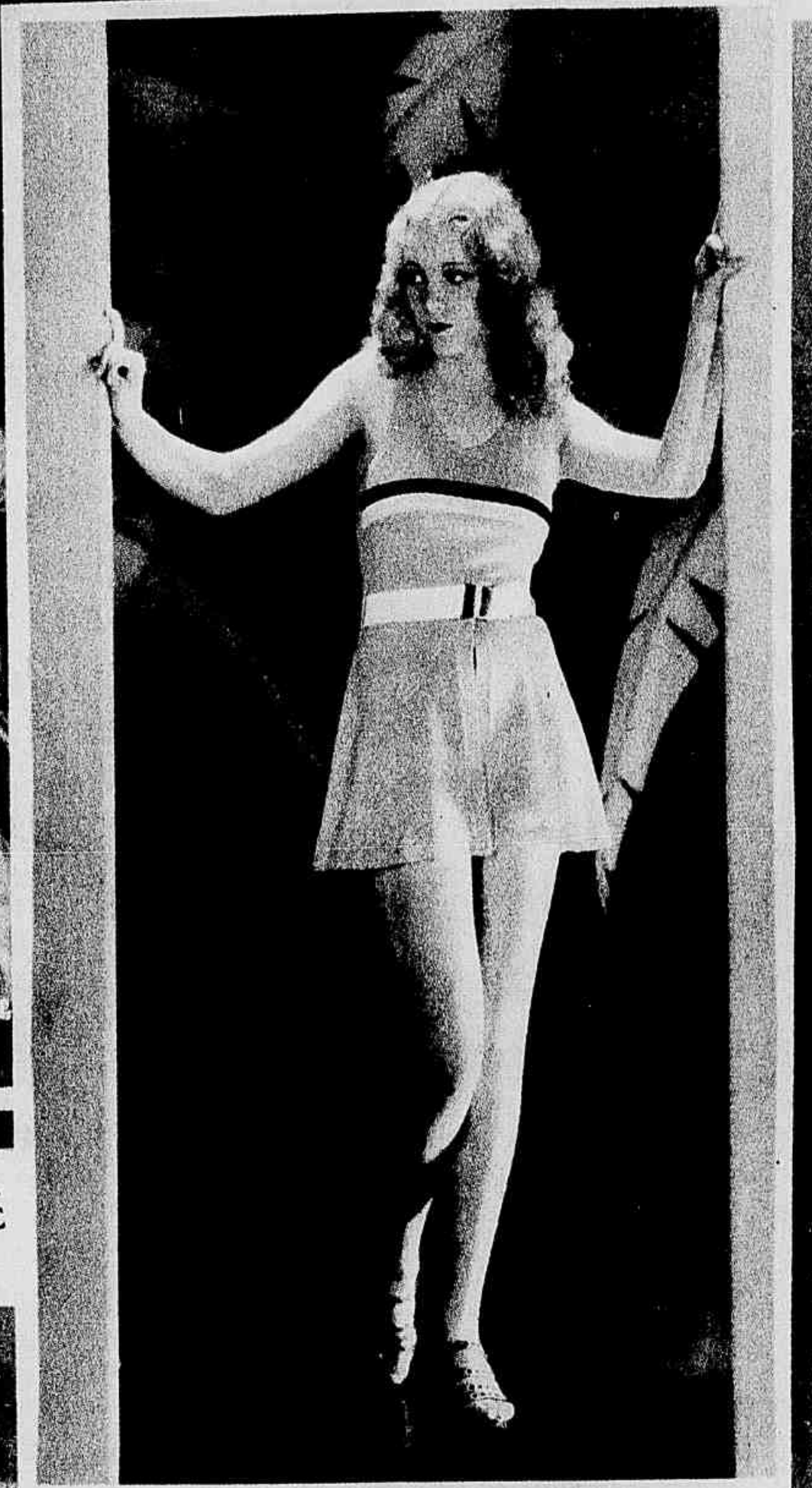
Depois de dirigir "Madame Julie" e "The Sphinx has Spoken", seus dois primeiros trabalhos para a Radio, Victor L. Schertzinger dirigirá, para a mesma, um film sobre a sua celebre e mundialmente conhecida canção: "Marcheta". Irene Dunne terá o principal papel.

* * *

Consta, em Hollywood, que Cecil B. De Mille, depois de "The Squaw Man" e, tambem, final do seu contracto com a M G M, voltará á Paramount.

* * *

"The Vice Squad", da Paramount, estrelará Paul Lukas e terá Kay Francis no papel principal feminino. John Cromwell dirigirá.

Virginia Bruce... quasi debruçes

Passará de photographias?

Qual mysterio, qual nada!...

Estou cançado de percorrer o archivo e tirar a folha **Greta Garbo**, aquella que fica entre **Gallagher Skeets** e **Garon Pauline.** Estou cançado, porque é todo dia isso e já é demais. Todos os dados sobre ella estão alli anotados e, diga-se, nada de anormal constatam os mesmos. Agora, vou falar. Pode ser que me condemnem e digam que sou um quadrupede radical. Mas, pouco me importa. Eu tenho que falar a verdade sobre esse mysterio e isso é que tenho!

Já estou aborrecido de tanto ouvir falar em Greta Garbo e de tanto ler a seu respeito cousas as mais inverosimeis. Pode ser que meu paladar seja totalmente diverso do restante do mundo e que meus olhos não vejam bem. Tambem é provavel que esteja dizendo uma heresia. Mas tenho certesa que muitos me darao rasão...

Aqui estão os factos que quero expôr: — os directores, productores e supervisores dos Studios nos quaes ella trabalha, os mesmos que a chamavam de Bernhardt, Dese e Siddons do Cinema, acham, hoje, que ella nada mais é do que vulgar. Disseram isto entre portas fechadas, mas ha paredes que têm ouvidos...

Seus companheiros de films, igualmente, a principio tambem illudidos pela sua fama de mysthica, differente, concordam, hoje, igualmente entre portas fechadas, que ella nada mais é do vulgar e corriqueira, mesmo. Cheia de pose, convencida e igual ás outras, afinal de contas.

Outros dizem, por sua vez, que o que todos acham de extraordinario nella é uma personalidade differente e exquisita que ella de facto tem e que tirada essa mascara cahe e destroe-se radicalmente todo o seu mysterio, toda sua magia.

E sua divina arte? O que lhes vou contar, amigos, deu-se no *set* onde filmava-se **Romance.** Lembram-se da scena em que Greta Garbo, como grande cantora lyrica, interrompe um momento amoroso do seu colloquio para ouvir os gemidos de um realejo, na rua? E, depois, atira ao homem do realejo algum dinheiro da sua bolsa prodiga?

Pois bem. Gavin Gordon, o seu apaixonado, nessa scena, objecta contra aquillo e pergunta-lhe porque fez a caridade, não é assim? Elle sacode os hombros e responde, atrevida: "Por que não? Somos um só: elle e eu... Não divertimos executando notas musicaes?"... Eram, sem duvida, palavras encantadoras e das mais encantadoras que **Romance** tinha no seu texto. Eram palavras que faziam viver um dos momentos mais bonitos da peça. Ella, convencida e orgulhosa como é, objectou aquillo e, principalmente, dizer aquella phrase.

— Asneira!

Acrescentou ella, encerrando a discussão que ali se travou.

— Não significa nada. Eu jamais declamarei uma cousa assim...

O director, brandamente, convenceu-a, depois de muito tempo, a fazer da sua maneira e da maneira que elle lhe pedia. Que visse o effeito e mudasse, depois, de resolução... Ella obedeceu e, afinal, quasi precisando chamar o presidente da companhia para convencel-a, resolveu dizer a tal phrase. Mas até hoje ella ainda diz e acha que era uma phrase ôca, estupida e sem significação alguma...

Esta attitude, pergunto-lhe eu, affirma a intelligencia, a sensibilidade ou as qualidades artisticas de uma mulher? Eu acho que não.

E' ella brilhante? Além das phrases communs em todos os casos ligados á ella, casos que ella resolveu dizendo "Garbo quer" ou "Garbo não quer", nada mais ouvi que fosse dito pela sua bocca, em forma de opinião ou qualquer outra cousa. Lembro-me de que fui longos annos chefe de publicidade de um jornal e procurei-a, quando ainda começava sua carreira e não tinha essa mania idiota de negar entrevistas, e fiz-lhe perguntas que qualquer George Bancroft responde. Pois ella engasgava e ficava longos minutos pensando para responder... Hoje não dá entrevistas, porque, naturalmente, reconhece a propria incompetencia para falar e a sua nullidade como intellectual.

Agora estão dizendo que ella não e mysteriosa, nada! E' ignorante!

Invariavelmente ella diz, isso sim: "Isso é asneira. Não vou nisso!". Dizia ha annos, quando começava e diz hoje, cercada de toda essa linda aureola de mysterio. Uma vez, lembro-me, fiz-lhe a fatal pergunta sobre um assumpto fatal. Ella deu a mesma resposta. Eu lhe garanti que nada seria publicado, mas que ella, particularmente, desse-me a sua impressão. "E' asneira! Repito: não vou nisso!". E era tudo quanto podia e era capaz de dizer...

O que ha sobre sua vida intellectual, solitaria? Um **reporter** dos mais peritos, certa vez, acompanhou-a um dia todo e fez depois, o relatorio minucioso da sua pesquiza. A historia era boa, realmente, porque Greta Garbo quasi foi posta em **pratos** limpos. Foram, para o **reporter**, segundo elle proprio affirmou, as vinte e quatro horas mais vazias que já passou em toda sua existencia... Ella tomou refeição num pequeno restaurante mexicano (onde muitos **astros** e **éstréllas** vão e continuam indo) com um amigo. Depois foi á um **"João Minhóca"** com o mesmo amigo e no dia seguinte esteve presente á uma festa que estava sendo frequentada por muitos outros artistas de Cinema. Vocês, meus bons amigos, pensavam, realmente, que Gre-

(Termina no fim do numero)

Pergunte-me outra...

Buster Keaton e Charlotte Greenwood...

NENIA — (Rio) — Ficando de mal?... Ora essa! Se tivesse recebido carta sua, Nenia, teria respondido, com certeza. 1° — Jean Arthur, Paramount Publix Studios, Hollywood, California; 2° — Idem, Richard Arlen; 3° — Renée Adorée, M. G. M. Studios, Culver City, California; 4° — Don Alvarado, United Artists Studios, 1041 N. Formosa Avenue, Hollywood, California; 5° — Mary Astor, Radio Pictures Studios, 780, Gower Street, Hollywood, California. O ultimo que Joan fez, foi **Dance, Fools, Dance.** Actualmente figura em **The Torch Song.** Recebi e fico muito grato Envie quantos quizer. Você quer saber a pronuncia?... E como lhe **escreverei** isso?...

DURVAL DE SOUZA BRANCO — (Rio) — Você não recebeu a carta, pela simples razão de que eu não costumo, por habido, segundo já lhe informei, responder a não ser aqui pela secção. Mande-me uma carta por semana, com cinco perguntas, cada qual e a todas verá respondidas. De outra maneira é impossivel.

SHERLOCK HOLMES — (Rio) — 1° — Quando a tiver e quando for possivel, perfeitamente; 2° — Jean Harlow, United Artists Studios 1041 N. Formosa Avenue, Hollywood, California; 3° — Não se retirou, não. Está com a Columbia, Columbia Studios, 1438 Gower Street, Hollywood, California

BINGO — (Rio) — Mania?... Ora... Gostei do trecho do chinello... Pois só pode me dar prazer com suas cartas, creia. Pois

não! A sua pergunta até que é bem facil: começa pela letra O... Ganhou a aposta?... Você é um colosso, Bingo! Escreva sempre.

LUDWIG — (P. do Sul — E. do Rio) — Confesso, amigo Ludwig, que não entendi muito do seu "jogo do bicho"... Appetece-me, sim, mas... "cadê" tempo?... Mais ou menos accertou quando ás cartas. Volte sempre, Ludwig.

MORENA TRISTE — DINDINHA LUA — (Rio) — Minha boa e querida amiguinha Nancy Torres Lia Mauro Morena Triste Dindinha Lua. Uff!!!... Não ,faz mal. Você é boazinha mesmo, eu conheço muito você e além disso tema paciencia de escrever duas cartas, gastar dois envelopes, dois sellos e tudo em duplicata. Vá lá! Mostra que quer bem **CINEARTE** e é isso o quanto basta... Não fiquei zangado, não. Catherine Moylan, M. G. M. Studios Culver City, California. Evalyn Knapp, Warner Bros. Studios, 5842 Sunset Blvd., Hollywood, California. Ann Harding, Pathé Studio, Culver City, California. A tal Lucille, não conheço. Você não prefere dar os abraços pessoalmente?... Escreva quando quizer, sim. Você, aliás, já deu um passo para realisar o seu ideal, não é? Não se zangue por saber quem você é e "pergunte-me outra" quando quizer.

ZANGADA COM VÔVÔ — (Rio) — Não comprehendeu bem? Ora! Era tão clara... Não é questão de ter ou não sympathia. A questão é que eu conheço você, Nyrda querida e conheço, perfeitamente, os motivos do seu pedido. Além disso, quando ha motivo e photographias, publica-se, como sempre se publicou. Não tem, porque disso esta-se cuidando seriamente agora e verá que a nenhum delles faltará. Zangado?... Não. "Vôvô" gosta muito das netinhas moreninhas como você... Ben Lyon, First National Studios, Burbank, California. Volte quando quizer.

EWERTON — (Porto Alegre — E. R. G. do Sul) — Mude, sim, é até melhor. Chevalier é de facto um colosso. Mas... que nariz?... "Arteiras"?... Ora, Ewerton, não é verdade.

H. MOURA — (P. do Sul — E. do Rio) — Continue, amigo Honorio. O Ludwig tambem me disse isso, sim.

WANDA — (S. João Nepomuceno — E. Minas Geraes) — A questão é que elles têm andado muito occupados e não têm podido satisfazer os pedidos de photographias. Pode estar certa, entretanto, que tudo isto se regularizará. Além disso, não pode ainda haver, comnosco, a presteza que os americanos demonstram ter. Mais calma, Wanda e tudo será regularizado para seu contento. Gonzaga entregou-me sua carta e pediu-me que lhe respondesse.

VALFER — (Rio) — Só falta enviar-me seu endereço. Poderá ser approveitado e muito breve. Qualquer pessoa de boa vontade e de enthusiasmo, aqui residente, tem futuro e poderá apanhar bons papeis. A questão é occasião. Envie seu endereço.

BEN HUR — (Ribeirão Preto — E. de S. Paulo) — Aliás, Ramon é o predilecto de quasi todos os que admiram o Cinema. Tem razão: um dos melhores galãs do Cinema mundial. **Acabaram-se os Otarios** foi o primeiro. Certas, duas.

YVETTE G. — (Porto Alegre — E. R. G. do Sul) — Não ha duvida, um esplendido typo. Mas ... a distancia é muito grande. Não ha possibilidades de uma mudança para cá, com a familia? Era a unica maneira mais facil e mais accessivel para a realização do seu ideal. Cecil B. De Mille, M. G.-M. Studios, Culver City, California. Ernst Lubitsch, Paramount Publix Studios, Hollywood, California.

MARY POLO — (Juiz de Fóra — E. Minas) — Recebi, sim. Muito obrigado. Aliás devo-lhe uma resposta particular e breve a darei. Vou falar á pessoa á qual escreveu e interceder por si. Não precisa enviar nada, não. E' até gentileza da sua parte. Escreva sempre Mary.

BESÁLI — (Florianopolis — E. Sta. Catharina) — 1° — Em Rio de Janeiro. Foi do theatro, antes, sim. 2° — Carmen Violeta tambem é carioca. sempre foi do Cinema. 3° — Não é mais do Cinema. 4° — Não fez nenhuma. 5° — E' filha de italiano, mas é carioca. Volte sempre, Besáli.

ALCEBIADES B. T. — (Ponta Grossa — E. Paraná) — Irene Wallace?... Não está mais na tal fabrica, não. Charles Chaplin, Uniter Artists Studios, 1041 N. Formosa Avenue, Hollywood, California. **Labios sem beijos** é distribuido pela Paramount que naturalmente o exhibirá ahi, sim. Mais ou menos uns 10 contos e assim mesmo de qualidade regular. Que film era?...

BILLIE NOVARRO — (Rio) — 1° — Ella, 29 annos. Elle, 30. 2° — O que?... Sabemos falar, sim, amiguinha Billie, mas é impossivel porque não queremos abrir uma excepção. Use a formula ingleza, mesmo. 3° — E' esse mesmo. 4° — Em qualquer uma das linguas. Preferivel em inglez. 5° — Marcelle Chantal, ex-Jefferson Cohn, Paramount Studios, Joinville, Paris, France. De Diana nada sabemos.

OPERADOR

Phillips Holmes

Vae apparecer em "The American Tragedy"

SIM, AQUELLE DE "NOIVADO DE AMBIÇÃO"

ATLANTIC

(Conclusão do numero passado)

O official não pareceu ouvir o seu remoque.

— Vamos, Sr. Rool. Vou conduzil-o, porque assim que tiverem embarcado as mulheres, haverá logar para o senhor.

— Para mim? Por que para mim? Então acha que tambem, entrevado, tenho de tomar parte nos exercicios?

— Vamos, Sr. Rool. Não ha tempo a perder.

— Mas me parece que está a falar serio, Lanchester...

Este não respondeu no primeiro momento, mas abaixando a cabeça deixou que, muito devagar, se escapassem de seus labios a phrase terrivel:

— O navio terá apenas tres horas de vida...

— Lechester!

Rool, o velho sceptico, que ria de tudo quanto o mundo apresentava como bello, o entrevado que se vingava da humanidade não achando nada que pudesse prender-lhe a attenção pelo seu lado sentimental, Rool, tambem elle, naquelle primeiro momento, sentiu todo o peso dequellas palavras, e o seu brado era bem a expressão do que lhe occorrera na mente, por segundos. Por segundos, sim, visto como logo depois sua physionomia voltava á impassibilidade de sempre.

— Que ninguem entretanto saiba, Sr. Rool pois senão seria o panico.

— Diga-me, Lanchester — perguntou elle, já calmo — vae commandar algum bote?

— Não tive a sorte de ser designado para nenhum delles.

— Acha então que os que forem nos botes se salvarão?

— Sim, se resistirem ao frio intessissimo que faz lá fóra. Diversos navios já responderam aos nossos chamados, e estarão aqui ao amanhecer.

— E os que ficarem a bordo, Lanchester?

A resposta do official se fez demorar:

— Para esses... não haverá salvação possivel.

Nesse momento um grito resôou no salão. Dandy o soltara. Elle chegara sem que o presentissem, e acabava de saber toda a verdade. Dandy, o jovem almofodinha, para quem a vida se resumia em uma gargalhada e um copo de whisky, alijára de si a sua mascara de tartufo, para se revelar qual era, o medo! Deixa-se cahir e numa cadeira, e é Rool quem, com aquella voz de sempre, procura levantar-lhe o espirito. E' agora que o vê mais socegado, tira o relogio do bolso para ver as horas. Instinctivamente rola entre os seus dedos a cabecinha de ouro daquelle objecto que por muitos annos o acompanhava, no habito de injectar-lhe vida e movimento. Mas subitamente pára, sorri, abana a cabeça... No seu pensamento se formára a phrase: "Para que dar-lhe corda?" Colloca-o sobre a meza, em sua frente. Tamando o livro cuja leitura interrompera, elle o folheia, encontrada a pagina marcada e calmamente continua a sua leitura.

O mojor Boldy e Dandy, que havia se retirado momentos antes, entram cantando, uma dessas canções dedicadas a Baccho, lembrando que no alcool estava toda a alegria e todo o esquecimento. Dirigem-se ao balcão agora deserto. E' o major quem toma de garrafas, um ovo, limão... Bem depressa um grog espumejava em dois copos, e emquanto Dandy se fica, sentado em um banco, os olhos presos ao chão, elle se approxima do Sr. Rool.

— Sr. Rool... Sei tudo... Dandy contou-me.

— Desagradavel, não?

— Sim... Dandy esta aterrado.

— Tem razão, major. Seria hypocrisia dizermos que não temos medo. Poderemos ser mais conformados que elle, e nada mais.

Ouve-se a voz de Monica que se approxima, com Lawrence. Ella tambem não se deixara convencer pela labia dos officiaes. Seus olhos procuram tudo, com rapidez, em verdadeira agonia.

— Eu sei que ha alguma cousa, não ha Laurie? Mas elles não me vão metter em um bote sem você, não é?... Diga-me, Laurie, que o navio não está afundando, está?

Lá de fóra vem agora os compassos de uma musica. O "jazz" de bordo executa uma peça de seu repertorio, para aplacar o medo daquella gente. Lawrence ouve e sorri, e depois passando o olhar sobre os que se achavam no salão:

— Afundar, emquanto tocam musica? Vê, querida, a calma do Sr. Rool lendo, como sempre... e do major Boldy, bebendo... tambem como de costume.

E, emquanto o major a leva para o balcão, a darlhe um reconfortante, para que ella aguente o frio lá de fóra, o Sr. Rool chama o rapaz e em rapidas palavras lhe conta a verdade, fazendo-lhe ver a necessidade de levar immediatamente a sua joven esposa para um bote, se quer salvar-lhe a vida.

— Mas, meu Deus, que ordens absurdas! Fazer levantar os passageiros para exercios desta ordem... Das-me tua palavra de honra que não ha perigo? — indaga ella ao marido.

— Dou minha palavra de honra que não ha perigo!

Quem acaba de falar não é Lawrence que tem a palavra presa á garganta, mas o velho sceptico que comprehende a situação. E quando o joven casal se foi elle ficou a murmurar:

— Palavras de honra... Inferno de mentiras! Mundo infame!

De novo elle se queda, em silencio, a ler quando surge Tate Hughes. Outro despresoccupado, conformado com a ideia dos exercicios. Não conseguira fazer com que a esposa e a filha embarcassem. Não queriam ouvil-o, e a senhora não queria mesmo embarcar... sem bagagem.

— Não me ouvem... — acrescentou elle.

— Por causa... da "outra"?

Tate Hughes acenou com a cabeça uma affirmativa vergonhosa.

— Pouco importa o que houve. Sei que queres os teus e é preciso salval-os.

— Não me ouvirão.

— Traga-as aqui. Diga-lhes qua as estou chamando.

E' emquanto Tate Hughes se ia naquelle pelemêle, de uma multidão apavorada, que se degladia na ansia de salvar-se, a orchestra de bordo, ou pelo menos algumas das suas figuras continuam a fazer ouvir musicas que procura distrair o pavor daquella gente. Tate as encontrou. Não foi sem recalcitrarem um pouco que o acompanharam.

— Já disse que não embarco! — exclamou Betty ao entrar.

O velho Rool attrahiu-a para si.

— Faça o que seu pae lhe disse, Betty.

— Meu pae...

E Betty sorriu com desdem ao prounuciar estas palavras, pelo que Rool a reprehendeu.

— Betty, muluquinha... Elle está procurando salvar a vida de vocês. O navio está afundando, e elle não lhes quiz dizer, para não assustal-as.

Ouvindo essas palavras tão terriveis, Betty correu para o pae:

— Não é verdade... E'?

E como o pae sacudisse a cabeça em approvação, ella sentiu que se ia todo o seu desdem, accordando em seu coração o grande amor filial.

— Paesinho!

A esposa tambem correu para elle e os tres permaneceram abraçados.

— Nós vamos, paesinho, mas irás comnosco!

— Não posso, queridas... Se pudesse iria.

— Não pode, não! Elle não pode ir e se tentasse, matol-o-iam, como eu acabo de ver matar dois homens que á força quizeram penetrar nas embarcações!

Lawrence, que acabara de conseguir logar em um bote para Monica, e que a vira arrancada de seus braços, quando ella não o queria deixar, e que assistira tambem a scena por elle contada, entrara no bar, cheio de desespero. E, depois, deixou-se cahir em uma cadeira, a cabeça apoiada a uma mesa, soluçando. Já Tate Hughes e os seus haviam sahido, em busca de um bote para ellas. Lawrence soluçava:

— Ha apenas duas horas estavamos aqui, tão felizes, tão contentes... E ella dançava commigo... E agora?... E ella está para ser mãe!

— Céos! — murmurou o velho paralytico.

A Sra. Roll acabava de entrar, acompanhada do tenente Lanchester.

— Eu não irei sem ti, John!

O bravo official queria demovel-a. O esposo tambem teve palavras que seriam uma convicção para espiritos menos fortes. Mas a admiravel esposa não cede:

— Não irei sem ti. Prefiro morrer comtigo, meu John.

— Lanchester... — brada o paralytico — leva então o pobre Lawrence, já que vae havendo logar para os homens nos barcos.

Elle indicou o corpo do rapaz que rolara da cadeira para chão desacordado pela dor da saudade. E quando viu que todos se iam, ficando elle só com a esposa:

— Para Lawrence — disse elle — esse ice-berg foi providencial. Monica, depois de salva, ficará sabendo que elle se sacrificou por ella, e entretanto não o perderá... Elles ficaram ambos contentes...

Apanhando as mãos da esposa, que se ficara atraz de sua cadeira de rodas e o enlancára, exclamou:

— E tambem fiquei contente porque ficaste, minha Alice!

Ella o abraçou soluçante.

Subito toda a nau estremece e se inclina um pouco. Um grito immenso vem lá de fóra, dos tombadilhos emquanto correm objectos e tomba o que está sobre as mezas. Mas, mesmo inclinado o navio, tudo se aquieta. Agora por momentos a luz pisca e se apaga, para segundos depois voltar bruxoleante e se fixar muito fraca. As aguas invadindo os porões haviam attingido um dos dynamos.

Lanchester sobe á ponte de commando:

— Já embarcaram todas as mulheres que quizeram ir, commandante.

O velho capitão toma então de um porta-voz e brada:

— Attenção!

Como que por encanto, por momentos cessa o ruido immenso, o brouhaha horrivel que vinha lá de baixo. Todos como que advinham uma communicação importante e grave, entretanto já esperada.

— Cumpristes o vossos dever... Agora... SALVE-SE QUEM PUDER!

Lanchester fez rapidamente o signal da Cruz. Bem sabia que aquillo significava a morte para elle, como para o seu commandante e demais officialidade, visto como a honra exigia que deixassem os logares que havia ainda nos ultimos botes, para os passageiros.

Lá embaixo, no bojo negro onde antes havia vida e ruido, o bater das machinas e o silvar do vapor, entre a conversa alegre daquella gente affeita ás rudezas da vida, agora estão todos quietos. A disciplina os prende alli. Cada um delles pensa, e cada pensamento é um espinho cravado em coração. O telephone retine. O Chefe das machinas ouve e tambem elle brada aos seus homns:

— Rapazes, obrigado... Salve-se quem puder!

Quebrada a disciplina, como animaes enjaulados, elles se atiram ás escadas, luctando uns com os outros, agarrando-se os debaixo ás pernas dos que já vão subnido, dilacerando-se...

Aos poucos o navio mais e mais se inclina. Agora partiu o ultimo bote. Da ponte, o commandante vê uma criança que, agarrada ás bordas do navio, tinha a agua pelo peito, na inclinação de pôpa que tivera a nau:

— Lanchester... — chamou elle.

— Meu commandante.

— Não. Não sou mais teu commandante. E's livre.

— Não, meu commandante, continuo ás suas ordens.

— Pois bem. Vês aquella criança? Atira-te á agua, vae buscal-a e leval-a para aquelle bote. Nada depressa e procura um logar para ella... Pouco importa que não haja tambem logar para ti...

Lanchester repete o signal da Cruz. Sem hesitação atira-se á agua e leva a criança para a vida, emquanto elle caminha para a morte.

O bar, onde se achava o Sr. Rool e a esposa, começa a ser invadido pelos que ficaram a bordo. O frio intenssissimo não lhes permettia ficarem nos tombadilhos inclinados. Não se esperava salvação... Para que então ficarem lá fóra? Dandy e o major Boldy chegaram tambem, e logo após Tate Hughes. Agora um magote de tripulantes e passageiros de terceira. A' frente vem um "steward" que lhes diz:

— Agora somos todos de uma só classe... Podem berber o que quizerem. Vou servil-os e... porei a despeza na conta de vocês.

— Sim, vamos berber para não ver o momento horrivel que ha de chegar! — brada Dandy, desorientado, emquanto o reverendo procura acalmal-o.

E os homens vêm entrando, mais e mais, enchendo já quasi o salão.

— Quem quer jogar um poker?

Um homem se apresenta, como que despreocupado.

— Já que o "momento" tem que vir, apressemol-o sem o sentir — continua elle.

— Eu queria jogar, mas estou sem dinheiro — respondeu uma voz:

— Aqui têm! — grita um outro que levanta ao ar a mão cheia de "bank-notes" que atira ao chão. E um magote daquella gente que alli estava apenas á espera da morte, atira-se ao dinheiro.

— Que é isso?! — brada a voz stentorica do major Boldy. Luctar por dinheiro, agora? Para onde querem leval-o? Para o céo, ou para o inferno?

Já a meza se formou, e os jogadores, quatro entre os presentes, se alheiaram a tudo. Elles não ouvem nem mesmo o murmurio que se levanta, a principio isolado por algumas vozes, mas pouco depois engrossado e forte com o acompanhamento de muitas outras. E' um psalmo, almas que se elevam a Deus naquelle instante supremo.

— Não! Não vou no bluff! — exclama um dos jogadores — Seus vinte e mais cincoenta!

Mas a partida tem de se interromper. A luz pisca mais e mais. Diminue e já por instantes não volta, para vir cada vez mais fraca.

— ... não nos deixeis cahir em tentação...

A voz do reverendo se eleva, seguida logo após por todos. Mais um estremeção da nau immensa. A luz apaga-se de todo, mas ainda se ouve:

— ... e livrae-nos de todo o mal, amem.

Todos se sentem atirados uns contra os outros. Ouve-se o silvar do ar expellido dos porões pelas aguas que invadem os ultimos recantos. Um grito immenso, unisono, horrivel, tetrico...

Pela madrugada, quando o horizonte se tingiu de alvo, após uma noite toda calma, quasi sem vento a encrespar as aguas, o mar estava limpo... Nada alli revelava a grande tragedia que acabara de se desenrolar. O mar sorria, feliz na digestão de um milhar de corpos que tragara...

(De Paulo Lavrador especial para "Cinearte")

Primavera e Mocidade

Como tão bem se conciliam e harmonisam a Mocidade, a Primavera e um recanto florido de jardim!...

O perfume das flores confunde-se com o sorriso da juventude, emquanto o sol primaveril espalha, em derredor, uma luminosa alegria. Mas o sol que dá vida ás flores e alegra as almas tambem não descora os lindos vestidos das jovens; e não descora porque elles são feitos com fazendas tintas com

INDANTHREN

o corante de insuperada resistencia, não sómente ao sol, como a chuva e ás repetidas lavagens.

NAUFRAGIO

(LET'S GO NATIVE) — FILM DA PARAMOUNT

JEANETTE MAC DONALD . . . . . . *Joanna Wood*
Jack Oakie . . . . *Voltaire Mac Ginnis*
Skeets Gallagher . . . . *Jerry*
James Hall . . . . *Wally Wendell*
William Austin . . . . *Basilio Pistol*
David Newell . . . . *Primeiro piloto*
Kay Francis . . . . *Constance Cooke*
Charles Sellon . . . . *Wallace Wendell*
Eugene Pallette . . . . *Sheriff*

Director: — LEO MAC CAREY

Joanna Wood, modista, vendera tudo que tinha e, desse dinheiro, formara companhia para representar revistas em Buenos Aires e só pensou no acto maluco que commetera, depois de ter assignado o contracto e ter visto, além disso, que ficara na mais extrema pobreza, só lhe restando, para consolo, a companhia que estava para partir e o amor do seu querido Wally Wendell.

— Vamos casar-nos!

Dizia-lhe Wally. Mas Joanna, que o sabia desempregado e, além. disso,, neto de um homem que não a supportava, oppunha-se a esse passo e apenas lhe insinuava que se empregasse para que depois, mais tarde, se unissem pelos laços do matrimonio que tanto ambicionavam.

Wally, antes de procurar emprego, entretanto, queria falar com o avô. E Joanna comprometteu-se a esperal-o no *atelier* até que voltasse com a almejada satisfação para aquelle caso.

Wally, neto e unico herdeiro de uma das mais solidas fortunas americanas, não tinha, na vida, outro thesouro senão illusões. O velho não queria que elle casasse, quanto mais com uma modista e, ainda por cima, modista em vesperas de se fazer artista e assim, pela fome, queria forçar o neto a seguir seus conselhos e suas opiniões todas.

Na amisade de Basilio Pistol encontra Wally o seu maior consolo depois do amor de Joanna. Aquelle dia, por exemplo, era um dia de azar para Basilio. Seu *chauffeur*, num golpe infeliz, rumara o carro que conduzia para cima de um posto policial e ali se achavam ambos, elle e Voltaire, o *chauffeur*, na presença de Wally, tremulos de emoção e medo.

O automovel, entretanto, não era de Basilio. Pertencia a Voltaire, era um *taxi* e Voltaire, por sua vez, queria a indemnização de 2.800 dollares pelo carro.

— Vou pedir o dinheiro emprestado a meu amigo Wally, sabes?

Disse Basilio a Voltaire e quando se voltou... não viu mais o amigo que ao ouvir falar em 2.800 dollares quasi desmaiara...

Na presença de Joanna, de novo, Wally confessa-lhe que fracassára junto ao avô. Elle queria que Constance Cooke fosse sua esposa e oppunha-se terminantemente que se casasse elle com Joanna Woods.

Quando vê tudo perdido, Joanna decide-se á viagem, custe o que custar, e, reunindo os elementos da sua companhia, propõe-se ir para a excursão. Wally quer acompanhal-a e ella diz-lhe que se o quizer fazer se empregue a bordo para pagar a sua passagem, ao menos. Nesse momento da conversa entre elle e sua querida, chega Voltaire acompanhando Basilio Pistol. Explicada a situação, Wally ri-se na manga quando ouve falar em 2.800 dollares... O conselho que dá a ambos, entretanto, para evitar complicações com a policia, pelo abalroamento do posto policial e demais assumptos, é que se alisttem

tambem como empregados de bordo para rumarem, todos, a Buenos Aires.

O emprego que elles conséguem é de forneiros, isto é: empregados nas fornalhas e acceitam-no pensando que se tratava de qualquer cousa relacionada com *forno* de cozinha... Apanhados de improviso, são obrigados a seguir viagem, assim mesmo.

Em alto mar, já sem poderem recorrer á nada, têm, entretanto, a grande felicidade de encontrar, a bordo, um capitão que conhece Wally e sabe de quem elle é neto. Offerece-lhe immediatamente um camarote de luxo e fal-o installar-se confortavelmente. Aos dois outros amigos, Voltaire e Basilio, dá o commandante empregos de copeiros, o que de melhor podia dar, naquelle momento.

Joanna, a bordo, era a unica que não se sentia alegre. Constance Cooke encontrava-se a bordo e ella soubéra, além disso, pelo commandante, que Wally ainda não fôra desherdado. Pensando que Wally usara daquelle estragema para lograr o avô e enganar Constance, ella não quer pactuar com elle naquella trama e diz que entre elles está tudo tterminado, nem sequer querendo ouvir as justas explicações do rapaz.

No meio da viagem, quando o caso Constance - Wally - Joanna estava a ferver, uma violenta tempestade apossa-se do navio e o *Andes* vae a pique, salvando-se, em balsas, os nossos heroes Joanna, Wally, Constance, Basilio e Voltaire.

Chegando á uma ignorada ilha tropical, apparentemente isolada, têm a satisfação de se encontrarem com Jerry, um compatriota que se intitula *rei* daquella ilha e delles logo se faz camarada.

Sabendo que são artistas de theatro e naufragos do *Andes*, acolhe-os bem e diz-lhes que ali tambem chegou como naufrago, suppondo que aquella seja uma das Ilhas Virgens separadas ha tempos de um grupo de outras e ignorada dos navegantes.

No dia seguinte já conheciam os naufragos todas as riquezas da terra e já sabiam do immenso orgulho que Jerry tinha em ser *rei*, ali...

As pequenas da ilha, igualmente, caso extranho, falavam correntemente inglez e tinham vindo de Brooklyn, uma a uma, victimas tambem de naufragios...

Joanna accede em lhes dar as roupas que trazia para os elementos da sua companhia e em recompensa ganha toda a ilha que passa a ser de sua exclusiva propriedade, juntamente com o titulo de rainha e perolas no valor de um milhão de dollares.

Sendo ali tudo aprazivel e todos alegres, a ilha, por vontade do *rei*, é considerada em estado de perpetua festa e o decreto é em seguida baixado. Nada mais se faz ali, realmente, senão divertir-se e pagodear.

E ali levam assim a vida. Basilio é igualmente coroado e dá, em pagamento, a mesma a Voltaire ficando assim quite com o mesmo. Joanna, já de boas pazes com Wally, assiste ao idyllio de Constance com Voltaire e fica satisfeitissima com esta solução que tem o seu problema amoroso.

O yacht do avô de Wally, entretanto, estando proximo dali e tendo recebido os S. O. S. do *Andes*, chega á ilha e salva todos os naufragos.

Logo que sabe das riquezas da ilha e conhece que Joanna é sua proprietaria, não se oppõe mais ao casamento e este se realiza com grandes pompas. Constance ia, por sua vez, casar-se com Voltaire e Basilio, o ex-*rei* e outros naufragos, todos, voltam para a ilha que é comprada pelo avô de Wally a Joanna por uma somma fabulosa.

Tudo termina com a felicidade dos protagonistas e com gostosos beijos de amor...

O que ellas pensam dos galãs

(F I M)

capaz de diffamar uma mulher tanto quanto uma mulher de Hollywood á sua rival?... Aprecio o artista de Hollywood. Acho-o sincero, distincto e bom. Igual ao homem do mundo todo.

Suas palavras foram as ultimas que ouvimos sobre o assumpto. Era tarde e urgia escrever tudo quanto haviamos ouvido, antes que nos esquecessemos da metade...

Rival dos maridos

(F I M)

dor volta para seu quarto afim de dar maior expansão á sua tristeza....

O Ministro da Guerra sobre o qual, afinal, recahiu, verdadeiramente, as responsabilidades do tal contracto, é, no dia immediato, seduzido pela esposa que o força a acceitar a assignatura do tratado e na mesma tarde é informada a embaixada de Monteverto que o tratado de defesa mutua será assignado immediatamente. Satisfeito, o embaixador procura Valmi e felicita-o, vehementemente, quando este já se prepara para pedir demissão do seu cargo Helene, entretanto, é quem menos fica satisfeita com o caso e pilhando-se a sós com Valmi accusa-o vehementemente de infiel. Ella soubera que o seu esposo estivera na residencia do Duque de Alder e, portanto, não podia estar elle na sala de espera do seu appartamento... E, ameaçando-o de deixar suas cartas sobre a secretaria do esposo, com uma confissão, tenta entregar-se novamente aos seus carinhos.

Valmi, inteirado de tudo aquillo, pouco se importa com ella e Helene, furiosa, leva a cabo o seu plano, deixando as cartas e a confissão ao passo que Valmi tenta, em vão, convencel-a a fazer o contrario.

Ardiloso, ao passo que pede a sua transferencia para outra legação, Valmi pede ao embaixador que diga á sua esposa que fôra elle que estivera no seu quarto de dormir, á tantas horas, porque tratava-se de uma conhecida ciumenta que elle tinha que tambem era conhecida de Helene e, assim, sabendo disso por intermedio delle, Helene contaria á sua amiga e elle ficaria livre de todas as amolações... Sorrindo, satisfeito, o embaixador chama-o "conquistador irresistivel" e diz que nada lhe custa fazer isso...

Mais tarde, quando tudo já está em harmonia e Helene, pensando melhor, resolvera não deixar as cartas na secretaria do marido, principalmente depois da mentira que elle lhe prega sobre o appartamento do Barão, chegam Krakowitz e a esposa que vêm agradecer a Valmi a sua influencia junto ao jury do concurso de virtudes de Copenhagen vencido por Mona.

Espicaçada no seu orgulho, Helene tenta reagir, mas, mais uma vez, dominada pelo ardiloso Barão, comprehende que fôra tudo gentileza para vencer o caso do accordo e mais satisfeita ainda fica depois que Valmi lhe garante victoria no proximo concurso.

Explicando que Valmi muda-se para outra legação, todos ficam consternados e Krakowitz, falando ao embaixador, pergunta, desolado.

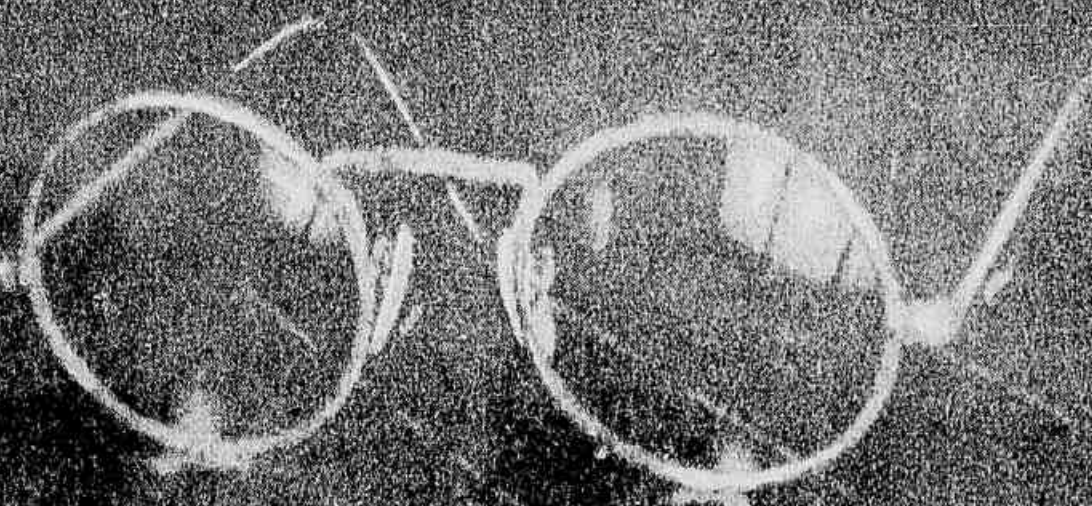
— Onde encontraremos outro igual a elle? Onde?...

E tinham razão...

Qual mysterio qual nada!...

(F I M)

ta Garbo não sahisse? Pensavam, mesmo, que ella não apreciava as amisades e as festas? Acreditavam nessas mentiras todas da publicidade? Ora!!! As vinte e quatro horas do reporter, seguindo Greta Garbo, foram as mais vulgares que já passou alguem, na vida...

Ninguem, além della, já teve o logar que ella tem na constellação Cinematographica. Ninguem jamais teve tamanha força sobre a imaginação publica. A publicidade a dá como inimiga de amisades, de festas, de passeios e de Hollywood. Eu já a vi, uma tarde, numa das mais bonitas festas que a colonia já offereceu, perfeitamente entre os outros. Todos conversavam futilidades. Quando ella chegou, pensaram todos que iam ouvir alguma cousa formidavel. Não ouviram nada, porque ella prefere fingir-se muda do que dar ratas...

AO BELLO SEXO

APHRODITE offerecendo e aconselhando para a pelle o

ACNOSAN

DO INSTITUTO BIOS.

Producto scientifico, filtrado de germens pyogenicos, contra as espinhas, cravos, etc.

A' venda nas bôas drogarias e pharmacias

Depositarios: Andrade & Lins, Ltda.

S. PEDRO, 114 - 1º — RIO

Vale uma amostra gratuita de **Acnosan**

(Corte este e remetta á Caixa Postal n. 1.345 — Rio, ou leve pessoalmente á rua S. Pedro, 114 - 1º)

Na tela, innegavelmente, ella tem alguma cousa que fascina. No Cinema falado ella está se tornando peor, porque o Cinema falado, por causa da voz, precisa de artistas mais intelligentes do que ella o é e ahi a explicação do seu fracasso, maior de film para film, depois de **Anna Christie**. Nos tempos silenciosos, sem duvida, ella era muito melhor. Perdeu com o Cinema falado.

Como pessoa, a unica cousa que della sei é que é muito boa para com seus amigos e demasiadamente petulante quando no set. Que já tem feito muita acção boa e que se conserva mais em solidão do que em companhia dos outros, porque reconhece o limite estreito do seu intellecto.

Pode ser que esteja errado. Deus queira...

Não quero aborrecer Greta Garbo, tanto mais que sei que lê tudo que se escreve della e liga ao que della dizem. Como sua personalidade, entretanto, é de dominio publico, não é licito, por tempo, illudir dessa fórma a platéa que é o mundo todo. Eis porque resolvi falar... Se continuar melhorando e fazendo melhores films, nada se poderá dizer della como artista de Cinema. Sua vida particular é outro caso. Mas se continuar como vem vindo, ultimamente...

Ella soffre os males de todos os demais seres humanos e não tem nada de divino. A sua **grande arte**, entretanto, não vae além da arte de Clara Bow ou Lupe Velez, ou quaesquer outras machinas de emoção...

E' verdade.

Quem escreveu foi Katherine Albert, veterana chronista do Cinema americano.

Ernani, o caçula

(Conclusão do numero passado)

prehendem, aqui, a nobreza do artista sincero. Por acaso elle é differente de qualquer outro homem? O artista é menos digno do que o advogado, do que o medico, do que o engenheiro? Não segue elle uma carreira, como outro qualquer? E se o medico vive para restituir a saude, o advogado para distribuir a lei entre os que brigam e o engenheiro construir e crear, o artista, então, não tem tambem uma efficiencia? E' ella menos nobre? Divertir um publico, fazel-o alegre, tel-o longe de seus aborrecimentos quotidianos não é ser digno, igualmente? No emtanto, quando passamos pelas ruas, nem sempre os commentarios são airosos e nem sempre verdadeiros. Eu já perdi, por causa de Cinema, muitas boas amisades que tinha antigamente. Certos amigos, então, depois que souberam-me no Cinema, passaram a se esquivar ao simples comprimento... Por que? Não é um ideal? Não é uma profissão? Serão os outros homens, por acaso, mais dignos do que os que seguem uma carreira artistica? E' a unica grande magua que guardo commigo. Mas ainda hei de ver cahir por terra todo esse preconceito provinciano. Eu não sou o unico que isto isto repara e nem o unico que isto sente. Meus collegas muitos delles, sentem o mesmo. Isso não é justo. Como sou agora interpellado, prefiro ser o primeiro a dar o brado de protesto contra este modo de encarar uma profissão, uma arte.

(Conclue no proximo numero)

Sem novidade no front

(F I M)

— Por que massacral-o?

— Por que nos massacram elles?

— Por que não nos dão comida melhor?

— Por que deixam apodrecer os corpos sem que os guardem como manda a piedade mais comezinha?...

Sempre perguntas. As respostas, davam-nas os canhões, nos bombardeios constantes, as metralhas, no pipoquear estridente, as carabinas nos estalos periodicos e fataes...

(Conclue no proximo numero)

A historia de minha vida

(Conclusão do numero passado)

Nunca pensei em encontrar uma mulher assim e, mesmo, era a unica com a qual almejava encontrar-me.

Um dia, depois da nossa **matinée**, encontrei-me com Walter Catlett no Lambs Club. "Ed, quero apresentar-te a uma joven loura que te admira muito. Ella tem vindo assistir ás tuas **matinées** e já viu a peça diversas vezes". Perguntei quem era, naturalmente. Era Lilyan Tashman, com certeza. Minha futura esposa.

Broadway, afinal, tinha sido mais do que camarada para mim. Tinha-me recebido, amorosa, alentando-me na minha arte preferida. Com Lilyan Tashman, deu-me romance e amisade. Companheirismo, acima de tudo Encontrei amigos, bons conhecimentos. Ha muito perigo em ser demasiadamente feliz, sempre. Chegou o meu momento de amargura. Figurei, simultaneamente, em oito tremendos fracassos artisticos!

Quatro delles, duraram uma semana. Os outros quatro, duas, cada um. Dos oito, apenas tres figuraram nos programmas officiaes. Os outros, não passaram além dos ensaios geraes...

O ultimo, cousa, interessante, aquelle que justamente acabou com meu resto de paciencia, chamava-se **I Will if You Will.** Não o esqueço. por duas razões: primeira, era a peor de todas. Segunda: era a primeira peça na qual figurei ao lado de Lilyan.

A artista que devia ser a heroina, brigara e deixara a vaga aberta na vespera do espectaculo. Lilyan Tashman, que assistira a muitos ensaios, para estar ao meu lado, foi a unica solução para o caso. Foi contractada.

O dia da estréa foi a minha maior emoção em toda minha vida. Nunca tremi tanto e nunca soffri tanto, confesso... Quando o panno se abriu, olhámos os criticos, sérios, enfileirados. As caras que elles fizeram traduziram o fracasso final: não durou nem uma semana o espectaculo de **I Will if You Will**...

O anno tremendo que passei em New York com esses oito seguidos fracassos, fizeram-me pensar seriamente em Hollywood e seus films. Passei a achar cousa plausivel acceitar eu contractos em Hollywood. Os meus primeiros contractos, cousa interessante, continuaram fazendo-me viajar: o primeiro, com a Paramount, levou-me a Honolulu, o segundo, com a mesma, levou-me ao Panamá. Eu não precisei entrar para a marinha para conhecer a marinha: entrei para o Cinema...

Durante a filmagem de **In the Palace of the King**, para a Goldwyn, é que chegou a Hollywood Lilyan Tashman. Eu estava mais ou menos bem na colonia Cinematagraphica e nos films. Quiz que Lilyan acompanhasse de perto os meus successos. E foi o que se deu.

The Fool foi o meu primeiro film pelo novo contracto que assignara com a Fox. E' um trabalho méu que jamais esqueci e que sempre me traz saudosas recordações. Era um papel de caracterização e alguma cousa differente dos papeis de galã que tinha até então representado. Levámos seis mezes fazendo o film, em New York, no Studio da Fox e, portanto, com mais uma viagem para mim... Depois deste, prosegui um anno em papeis extremamente convencionaes.

Chegou a vez de eu fazer **The Brass Bowl**, um film em que me apresentava em dois papeis. Um mau e outro bom. Jerome Storm dirigia-o. Era o film que seria a sua consagração ou o seu **azar**. Se elle fizesse um bom trabalho, teria um melhor contracto com a Fox e isto o animava extraordinariamente. Eramos muito amigos e eu queria, sinceramente, que elle chegasse a um bom accordo com os chefes. Trabalhámos immensamente, com fé. Havia um artista que fazia um pequeno papel de detective no film e, por causa do argumento, não apparecia nem uma vez juntamente commigo em scena, tanto num, como noutro papel. Jerome ficou quasi furioso quando verificou que o referido detective havia adoecido e, assim, elle era obrigado a arranjar outro, do dia para a noite. Eu me offereci para fazer o papel. Elle se riu. E' que minha pratica com o Alcazar permittia-me isto. Tinha vivido tantas caracterizações que uma a mais não seria difficil... Caracterizei-me, apresentei-me e... consegui o papel! Esse papel, aliás, foi justamente o mes **test**, mais tarde quando me deviam dar o papel de Sargento Quirt em **Sangue por Gloria**.

Eu tinha verdadeira paixão pelo papel de Quirt! Era uma cousa que eu queria mais do que qualquer outra!!! William que o encarnara, no theatro, devia fazel-o no Cinema, achavam e quasi que lhe deram o papel, realmente... Eu procurei Mr. Sheehan e expuz-lhe o meu caso. Elle achava que era impossivel eu encarnar aquelle typo. Procurei Mr. Wurtzel, que me havia visto como detective, em **The Brass Bowl** e fil-o dizer a Mr. Sheehan o que pensava a respeito.. Foi assim que Wurtzel fez Sheehan assistir áquelle film, apontando o meu papel de detective. Foi aquella falta daquelle **extra** que adoecera que me dava a possibilidade de interpretar o papel mais ambicionado em toda minha vida.

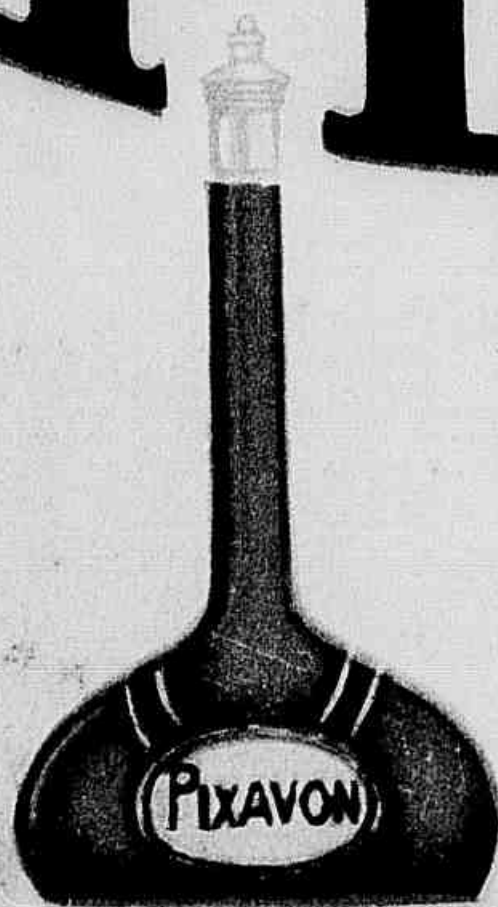
Meu papel predilecto é esse: sargento Quirt, de **Sangue por Gloria**. Tanto na minha carreira theatral, quanto na Cinematographica. O meu film preferido, entretanto, é **Amar para Morrer** (Dressed to Kill).

Durante o periodo de filmagem de **The Winding Stair**, casámo-nos eu e Lilyan. Ella fazia muito successo em films, igualmente, e conseguia bons papeis. Muitos me perguntam, sempre, se já fiz algum film com ella. Sim, quatro: **Nellie, the Beautiful Cloak Model, Ports of Call, Siberia** e **Hapiness Ahead.** Neste film ultimo, cousa interessante, eu, como galã, era forçado a expulsar de casa minha propria esposa (a vampiro do film...). Muitos fans me escreveram perguntando se na vida real tambem era assim...

Sinto-me feliz por ter feito meus film com as mulheres mais bonitas do Cinema. Os films que fiz com Dolores Del Rio, Colleen Moore e Corinne Griffith, particularmente, foram os que mais apreciei. Dolores é uma creatura admiravel, esforçada, activa como nenhuma outra. Jamais se mostra cansada ou desanimada. Não é **temperamental** e nem **malcreada.** Colleen Moore, então, tem a disposição de um verdadeiro anjo e o humor de uma perfeita irlandeza... Trabalhar com Corinne Griffith, para mim, é uma verdadeira delicia. Ella é simplesmente formidavel!

Já me perguntaram, muitas vezes, o que penso das minhas scenas de amor com essas companheiras. Perguntam-me insistentemente, como sinto esses beijos. A resposta é uma só: a mulher que trabalha commigo, não é Corinne Griffith, nem Dolores Del Rio e nem Colleen Moore. E' a protagonista ou a heroina de um film, assim como eu não sou Edmund Lowe e, sim, este ou aquelle heróe. O que se passa entre Lowe e Dolores Del Rio, nesse momento de filmagem, portanto, é aquillo que se passaria se a historia fosse verdade. Mas apenas durante a filmagem, é logico.

Eu gosto immenso de Hollywood. Acho, mesmo, que Hollywood, no mundo, é a unica cidade que realmente me convem para viver. **Men on Call**, um dos meus ultimos films, dá-me a emoção de conduzir uma possante locomotiva. Emoção que o Cinema dia a dia varia e que o theatro não consegue nem por sombras apresentar.

MARSH
CINEARTE

PIXAVON
PIXAVON
Minha senhora,
a moda actual exige não só que se accentue a linha do corpo, mas tambem que se use os cabellos cortados "á la garçonne", innovação graciosa e original que completa harmoniosamente a silhueta.
Mas, para obter este conjuncto harmonioso, não basta cortar os cabellos, é necessario que se possua uma cabelleira farta, flexivel e brilhante.
Este alvo que tantas mocas buscam em vão, V. Exa. poderá alcançar lavando seus cabellos, habitualmente, com PIXAVON, sabão liquido de alcatrão, conhecido e usado em todo mundo e que lhes dará a belleza, o brilho e a flexibilidade que permitte obter as encantadoras ondulações tão desejadas por todas as senhoras.
E' ao PIXAVON que as senhoras de hoje devem, em parte, as homenagens que lhes são rendidas, porque é elle que lhes completa a belleza e graça, dando-lhes uma cabelleira digna de ser apreciada e até invejada.
O PIXAVON é o unico no seu genero, e nenhum outro preparado de sabão liquido de alcatrão o substitue. Tanto para seu uso em casa como no cabellereiro, exija sempre a marca
PIXAVON.
O PIXAVON é vendido em vidros originaes, fechados.